Personagens:
Louco
Delegado de polícia
1º Comissário
2º Comissário
1º Agente
2º Agente
Jornalista

PRIMEIRO ATO

Sala comum de uma delegacia importante. Uma escrivaninha, um armário, algumas cadeiras, uma máquina de escrever, um telefone, uma janela, duas portas.

COMISSÁRIO: *(Folheando uma pasta, dirige-se ao indiciado, tranqüilo numa cadeira)* Ah, mas não é a primeira vez que você se disfarça, então? Aqui diz que se fez passar duas vezes por cirurgião, uma vez por capitão da tropa de tiro... três vezes bispo... uma vez engenheiro naval... no total você foi preso... vejamos... dois mais três, cinco... um, três... dois... onze vezes no total... e esta é a décima segunda...

INDICIADO: É, doze prisões... mas observe, senhor comissário, que nunca fui condenado... minha ficha é limpa!
COMISSÁRIO: Bom... eu não sei que histórias você contou pra conseguir escapar. Mas pode ter certeza que desta .vez eu sujo a sua ficha. Pode estar certo!
INDICIADO: Entendo, comissário. Uma ficha limpa, ainda sem mancha, dá água na boca de todo mundo...
COMISSÁRIO: É, vai dando uma de espirituoso... A denúncia diz que se fez passar por psiquiatra, professor, livre-docente na Universidade de Pádua... Você sabia que falsa identidade dá cadeia?
INDICIADO: Falsa identidade sustentada por alguém são. Mas eu sou louco. Louco de carteirinha! Olha aqui na ficha clínica. Já fui internado dezesseis vezes... e sempre pela mesma razão: sou maníaco por personagens. Chama-se "histrionomania", vem de "histrião", que quer dizer ator. Resumindo, tenho a mania de representar papéis sempre diferentes. Só que como sou pelo teatro-verdade preciso que a companhia de teatro seja composta de gente de verdade... que não saiba representar. Por outro lado, eu não tenho dinheiro, não posso pagar minha trupe... Pedi uma subvenção ao Ministério da Cultura, mas como não tenho apoio político...
COMISSÁRIO: E então faz seus atores o subvencionarem. .. são eles que dão duro...
INDICIADO: Não, eu nunca sacaneei ninguém...
COMISSÁRIO: Tem mais ainda. Chegou a cobrar vinte mil liras por uma consulta...
AGENTE: *(Que está detrás do indiciado)* Deu uma *de carabiniere...*[1]

INDICIADO: É o preço normal de um psiquiatra que se respeite... alguém que estudou por dezesseis anos a mesma matéria!

(1) Referência irônica ao corpo especial da polícia militar que tem como função a manutenção da ordem urbana.

COMISSÁRIO: Ê essa a questão! Desde quando você estudou?
INDICIADO: Estudei por vinte anos em dezesseis manicômios diversos... observando milhares de loucos como eu... dia após dia... e de noite também, já que eu, diversamente dos outros psiquiatras, dormia com eles... às vezes em pé com mais dois. Falta cama sempre! De qualquer modo, informe-se e verá como o diagnóstico que fiz daquele pobre esquizofrênico — pelo qual me denunciaram — era mais do que perfeito.
COMISSÁRIO: As vinte mil liras também foram perfeitas!
INDICIADO: Mas, senhor comissário, fui obrigado, para o bem dele!
COMISSÁRIO: Ah, para o bem dele? Faz parte da terapia?
INDICIADO: Claro... se não metesse a faca, o senhor acha que aquele coitado — e sobretudo os familiares — ficariam satisfeitos? Se tivesse pedido cinco mil liras, certamente teriam pensado: "Não deve ser muito bom. Talvez não seja um professor de verdade. Vai ver que acabou de se formar, um principiante". Desse jeito, porém, depois da facada, perderam o fôlego e pensaram: "Mas quem é esse? O Pai Todo-Poderoso?" ... Foram embora felizes como um passarinho... até me beijaram a mão... "obrigado, doutor"... e eu chorei de comoção.
COMISSÁRIO: Pelo amor de Deus, você é um grande contador de caso!

INDICIADO: Não, comissário, não estou enrolando! Até Freud diz que a conta apimentada é o mais eficaz dos remédios, tanto para o médico como para o doente.
COMISSÁRIO: Ah, deve ser mesmo, mas dá uma olhadinha no teu cartão e no teu receituário... Se não me engano, está escrito: "Professor Antônio Rabbi. Psiquiatra. Mestre junto à Universidade de Pádua"... Vamos lá, o que é que você vai me contar agora?!

INDICIADO: Antes de mais nada, eu sou professor de verdade... professor de desenho... ornamental, à mão-livre, no curso noturno do Sagrado Redentor...

COMISSÁRIO: Muito bem, meus cumprimentos! Mas aqui está escrito: Psiquiatra.

INDICIADO: Muito esperto. Mas depois do ponto! O senhor conhece a sintaxe e a pontuação? Observe bem. Professor Antônio Rabbi. Ponto. Depois em maiúscula "Psiquiatra"! Ora, em hipótese alguma dizer "eu sou psiquiatra" significa abusar de um título. É como se dissesse "eu sou psicólogo, botânico, herbívoro, artrítico". O senhor conhece a gramática e a língua italiana? Sim? Então deveria saber que se alguém escreve arqueólogo, é como se escrevesse bergamasco... não quer dizer que tenha estudado!

COMISSÁRIO: É, e esse "professor livre-docente na universidade"?

INDICIADO: Sinto muito, mas dessa vez é o senhor que abusa. Me disse que conhece a língua italiana, a sintaxe, a pontuação, e aí se percebe que nem ler corretamente sabe...

COMISSÁRIO: O que é que eu não sei...?

INDICIADO: Não viu a exclamação depois do "professor"?

COMISSÁRIO: Ah, é... tem um ponto de exclamação. Tem razão, eu não tinha notado.

INDICIADO: Tenho razão!... "Não tinha notado". E o senhor, pelo simples fato de "não ter notado", joga um inocente na cadeia?

COMISSÁRIO: Mas é realmente louco! ... *(Sem perceber começa a tratá-lo com mais respeito)* O que é que a exclamação tem a ver com isso?

INDICIADO: Nada, pra quem não conhece a língua italiana e a sintaxe... O senhor vai ter que me dizer qual o seu título de estudo e quem o aprovou... Me deixa acabar!... A exclamação é a chave de tudo, lembre-se! Se depois de "professor" tem uma exclamação, o sentido da frase muda completamente. Depois de professor... uma pausa breve intencional... já que "a exclamação impõe mudança de intencionalidade". Portanto, deve-se ler: "Professor!" (E aqui vai bem uma careta de sarcasmo... e se quiser dar um resmungo irônico, gozador, melhor ainda!) Então, a leitura correta da frase: Professor *(Faz uma careta e um hum! irônico, levantando a cabeça de lado)* livre-docente, outra exclamação, de Pádua... como se dissesse "pera aí, não me enrola... vai contar pra outro... quem é que acredita... só imbecil cai nessa!"

COMISSÁRIO: Ah, é? Eu então seria um imbecil?

INDICIADO: Não, o senhor é meio fraco de gramática. .. se quiser posso lhe dar umas aulas... Faço um bom preço... Podemos começar imediatamente... Temos muito trabalho pela frente... Diga quais são os pronomes de tempo!

COMISSÁRIO: Deixa de gozação! Começo a acreditar que o senhor tenha realmente a mania de representar e que está representando o papel de louco... só que é mais são do que eu, aposto!

INDICIADO: Não saberia dizer. Está certo que a sua profissão leva a muitas alterações psíquicas... Deixe-me ver um pouco o olho. *(Abaixa as pálpebras com o polegar.)...*

COMISSÁRIO: Mas faça-me o favor! Vamos continuar com a ocorrência.

INDICIADO: Se quiser eu mesmo bato à máquina. Sou datilógrafo formado. Quarenta e seis toques por segundo...

COMISSÁRIO: Fique quieto, senão mando algemá-lo!

INDICIADO: Não pode! Camisa-de-força ou nada! Sou louco. Se o senhor me algemar — artigo 122 do Código Penal: "quem em vestes de oficial público impõe instrumentos de contenção não-clínicos ou não-psiquiátricos a um deficiente psíquico, causando-lhe crise do seu mal, incorre em crime punível com pena de cinco a quinze anos e perda de aposentadoria e do cargo".

COMISSÁRIO: Ah, estou vendo que entende também de leis!
INDICIADO: De leis? Sei tudo sobre lei! Há vinte anos estudo Direito!
COMISSÁRIO: Mas você tem trezentos anos! Onde foi que estudou Direito?
INDICIADO: No hospício! Se o senhor soubesse como se estuda bem lá dentro! Um funcionário público paranóico me dava aula. Um gênio. Sei tudo. Direito romano, moderno, eclesiástico... o código justiniano... frederiquiano... longobardo... grecoortodoxo. Tudo! Pode me perguntar!
COMISSÁRIO: Não tenho tempo... Vê lá! Aqui no teu currículo, entretanto, não está escrito que se fez passar por juiz... muito menos por advogado...
INDICIADO: Ah, não, eu nunca vou ser advogado. Não gosto de defender, é uma arte passiva. Gosto de julgar... condenar... reprimir... perseguir! Sou um dos seus, caro comissário! Pode me chamar de você!
COMISSÁRIO: Toma cuidado, louco... devagar com a gozação...

INDICIADO: Não está mais aqui quem falou...
COMISSÁRIO: E então, já se fez passar, alguma vez, por juiz ou não?
INDICIADO: Não, infelizmente ainda não tive a oportunidade. Ah, como eu gostaria! Juiz é a melhor de todas as profissões! Antes de mais nada, quase nunca se aposenta... Pelo contrário, na idade em que um homem comum, um trabalhador qualquer, com cinqüenta e cinco, sessenta anos, já está no ponto de ser jogado fora — porque começa a ficar mais lento, com os reflexos retardados —, começa o melhor da carreira para um juiz. Pra um operário da cadeia de montagem, depois dos cinqüenta anos, tá tudo acabado. Atrasa, provoca acidentes, é de se jogar fora! O mineiro com cinqüenta e cinco anos tem silicose... rua, pro lixo, despedido, rapidinho antes que vença a aposentadoria... para o empregado de banco, a mesma coisa. Com uma certa idade começa a errar as contas, não se lembra mais dos nomes das firmas, dos clientes, a taxa de desconto, o número do RG e o do CIC! Rua, pra casa... transferência... está velho... caquético! Os juizes não, pelo contrário. Com os juizes é o oposto: quanto mais velhos e caqué... debilitados, com mais facilidade são promovidos a cargos superiores. Confiam a eles cargos importantes... de poder total! A gente vê uns velhinhos de papelão, embecados — cordões, estola de arminho, chapéu de cilindro com listas de ouro — que até parecem os padeirinhos de Veneza, bamboleantes, com as caras que lembram as rolhas do Vai Gardena... os óculos presos por uma corrente pra não perdê-los. Nunca se lembram onde os deixaram. Bom, tais personagens têm o poder de destruir ou salvar alguém como e quando quiserem. Condenam à prisão como se comentassem: "É, talvez chova amanhã... Cinqüenta anos pra você... pra você trinta... pra você só vinte porque é simpático". Ditam, legislam, sentenciam, decretam... e são sagrados também! Porque, não nos esqueçamos, ainda existe entre nós o crime de vilipendio... se alguém fala mal da magistratura... aqui e na Arábia Saudita! É, é... juiz é a profissão, o personagem que eu daria qualquer coisa pra representar, pelo menos uma vez na vida. Juiz do Supremo Tribunal: "Excelência... se acomode, silêncio, em pé, entra a corte... oh, olhe, perderam um osso... é seu?" "Não, é impossível, não tenho mais ossos!"

COMISSÁRIO: Vamos acabar com essa papagaiada? Me deixou tonto. Sente-se ali e fique quieto! *(Empurra-o em direção à cadeira.)*
INDICIADO *(Reagindo histérico):* Ei, tira as mãos ou eu te mordo!
COMISSÁRIO: Morde quem?
INDICIADO: Você! Te mordo o pescoço e os glúteos também. Nhac... E se reagir pela força existe o artigo 122 bis: provocação e violência em prejuízo de deficiente irresponsável e indefeso. De seis a nove anos com perda da aposentadoria!

COMISSÁRIO: Sente-se ou perco a paciência! *(Ao agente)* E você, o que é que está fazendo aí, petrificado? Faça-o sentar!

AGENTE: Mas doutor, ele morde!

INDICIADO: É, mordo! Grrr... Grrrr... e advirto que sofro de raiva. Apanhei de um cão... um viralatão raivoso que me arrancou meia bunda. Ele morreu e eu sarei. Sarei, mas ainda estou envenenado. Grrr! Grrr!

COMISSÁRIO: Mas, será possível... Só faltava mesmo um louco venenoso! Afinal, você vai ou não vai me deixar registrar a ocorrência? Vamos, seja bonzinho! Depois te mando embora... Te prometo!...

INDICIADO: Não, não me expulse daqui, senhor comissário. Estou tão bem junto do senhor... na polícia... me sinto diferente. Lá fora, na rua, existem tantos perigos... as pessoas são malvadas, andam de carro, buzinam, dão brecadas bruscas... Fazem greves! Os ônibus e o metrô têm portas que se fecham abruptamente frii nhac... Esmagado... Me deixa ficar com o senhor... ajudo a fazer os indiciados falarem... e os subversivos... sei fazer supositório de glicerina com nitro...

COMISSÁRIO: Chega, não agüento mais!

INDICIADO: Comissário, deixa eu ficar ou eu me atiro pela janela... Em que andar estamos? No terceiro...? Bom, quase perfeito, me atiro! Me atiro e quando estiver lá embaixo, àquela altura moribundo, esfacelado no asfalto, começo a agonizar... Sou duro de morrer... e agonizo muitíssimo... Chegam os jornalistas e eu lhes conto — sempre agonizando — que foram vocês que me atiraram! Olha que eu me atiro!

COMISSÁRIO: Por favor, pare com isso! *(Ao guarda)* Tranca a janela.

O guarda obedece.

INDICIADO: Então eu me atiro do alto da escada. *(Se dirige para a porta.)*

COMISSÁRIO: Pelo amor de Deus, agora chega mesmo! Sente-se. *(Empurra-o para a cadeira)* Você, tranca a porta... tira a chave...

INDICIADO: E joga pela janela...

O guarda atordoado se dirige para a janela.

COMISSÁRIO: É, joga... NÃO, põe na gaveta... tranca a gaveta... tira a chave.

O guarda executa mecanicamente.

INDICIADO: Enfia na boca e engole!

COMISSÁRIO: Ahh, não! Ninguém nunca me tratou assim. *(Ao policial)* Me dá a chave. *(Abre a porta)* Fora, vai embora... e vê se se atira mesmo da escada... faça o que bem entender... fora... eu enlouqueço.

INDICIADO: Não, comissário... O senhor não pode fazer isso! Não seja abusado... não empurra... por favor... por que é que quer que eu desça?... Não é o meu ponto!

COMISSÁRIO: Fora! *(Consegue; encosta a porta)* Ah, finalmente!

AGENTE: Senhor comissário, não se esqueça da reunião com o doutor Bellati... Já estamos cinco minutos atrasados.

COMISSÁRIO: Mas que horas são? Meu Deus do céu... aquele desgraçado me fez perder o controle... Vamos, rápido...

Saem pela esquerda; à direita reaparece o louco, pela mesma porta pela qual tinha saído.

LOUCO: Posso entrar... comissário... incomodo? Não se irrite, vim apenas pegar meus documentos... Não responde? O que é isso, vai me dizer que ficou de mal comigo? Vamos fazer as pazes... Ah, mas aqui não tem ninguém! Tudo bem, pego os documentos... minha ficha clínica... minha receita... Opa, a denúncia... Bom, essa rasgamos e... não se fala mais nisso! E esta denúncia aqui, é contra quem? *(Lê)* "Furto agravado." Imagine só, em uma farmácia... não, não... você está livre. *(Rasga essa também)* E você... o que é que fez? *(Lê)* "Apropriação indébita... desacato..." História... Pode ir, meu

rapaz, você está livre! *(Rasga)* Todos livres! *(Se detém, considerando uma folha em particular)* Não, você não... Você é um pusilânime... você fica... pra galera... *(Alisa bem o papel sobre a mesa; abre um armário repleto de papelada).* Não se movam... é a justiça! Nossa, será que tudo isso é denúncia? E eu queimo tudo... uma grande fogueira! *(Com um isqueiro faz menção de queimar um pacote de folhas. Lê na capa)* "Instrutoria em andamento." *(Em outro pacote)* "... decreto de arquivação da instrutoria..." *(Naquele momento, toca o telefone. Tranqüilo, o louco atende)* Alô, sala do comissário Bertozzo. Quem está falando? Não, sinto muito, mas se o senhor não me disser quem está falando, não posso chamar...! O quê... o comissário... o senhor mesmo, em pessoa? Não acredito... é mesmo? Que prazer! O comissário da janela! Não, nada, nada... e de onde é que o senhor está telefonando?... Ah, é? Que idiota que eu sou! Do quarto andar... e de onde mais seria?! Como, quem sou eu? Você ouviu, Bertozzo, o terror dos subversivos me pergunta quem eu sou... Adivinha! Não tem tempo? O que é isso, para um colega se tem que ter tempo sempre... Vamos lá! Adivinha ou eu não chamo o Bertozzo! Quem eu sou?! Anghiari? *(Para si mesmo)* Sou o Anghiari? Isso, você adivinhou... sou eu mesmo, comissário Piero Anghiari. Acertou. Bom, o que eu estou fazendo aqui em Milão... tá querendo saber demais! Mas diga lá, o que é que você quer com o Bertozzo? Não, ele não pode atender ao telefone. Fala comigo. Um juiz superior? Foi mandado especialmente de Washington? Não, quero dizer, de Roma. (Às vezes me esqueço que existe uma transposição...)[2] Rá, rá, seria uma espécie de "revisor". Claro, evidentemente o ministério não concordou com as motivações dadas pelo juiz que arquivou o inquérito. Você tem certeza disso? Ah,

(2) Ver Nota ao final do texto.

"é o que dizem"... eu bem que achei... antes estatavam todos contentes; em seguida mudaram de idéia... Ah, a opinião pública estaria pressionando... Mas vem contar essa pra mim... a opinião pública... quem é que pressiona... Pois é, o Bertozzo tá aqui, morrendo de rir *(Afasta o fone e ri)* Rá, Rá! E está fazendo gestos obscenos... Rá! Rá! *(Finge chamar o Bertozzo)* Bertozzo, o nosso amigo do quarto andar está dizendo que você pode se permitir rir do assunto porque não tem nada a ver com isso... mas para ele e para o chefe dele são sarnas... Rá, rá... tá dizendo para você se cocar com cuidado... Não, agora sou eu que estou rindo! Não, é que me daria muito prazer ver o chefe da polícia no rolo... É, essa é a verdade, pode dizer pra ele... "o comissário Anghiari gostaria"... e o Bertozzo também está de acordo. Ouve só como está rindo *(Afasta o fone)* Rá! Rá! Ouviu? E o que é que eu tenho com isso de mandarem a gente pro fim do mundo?! Sim, pode contar isso também pra ele. Anghiari e Bertozzo cagam e andam... *(Emite com a boca uma pernáquia)* Prruu... sim, foi ele. Mas não se esquente tanto! OK, eu sei que você é muito amigo do delegado de Ustica e Ventotene... mas não precisa levar a coisa tão a sério...! Isso, muito bem, a gente fala uma outra vez sobre o assunto, cara a cara. E então, o que é que você quer com o Bertozzo? Quais documentos? Sim, fala que eu anoto. A cópia do decreto de arquivação da morte do anarquista... Tudo bem, ele te manda em seguida... e as cópias dos relatórios também... certo, certo, está tudo aqui no arquivo... Olha, eu acho que você e o guarda da ilha têm que se precaver. Se o juiz que está pra chegar for um pouquinho calhorda como estão dizendo... Como onde estão dizendo? Em Roma. Eu estou vindo de lá, sabe? Essa história de que estão armando uma peça pra vocês está na roda desde aquele dia. É claro que eu conheço o juiz! Se chama Malipiero. Nunca ouviu esse nome? É, mas vai ouvir. É um daqueles que esteve, mais ou menos, dez anos na

fronteira... Pergunte ao teu chefe se quando ele era carcereiro... Não, pensando bem, talvez seja melhor não lhe perguntar. Poderia ter um troço e aí não ia se divertir mais... Rá, rá, rá, rá! Nossa, como você é suscetível, vizinho do quarto andar... A gente nem pode se divertir um pouco nesta polícia mal-humorada! Tudo bem, vamos te mandar tudo imediatamente. Um abraço. Espera, espera! Rá, rá! é o Bertozzo que soltou uma muito espirituosa... você não vai se zangar? Então eu conto. Disse que... rá, rá... que depois da visita do juiz revisor, vão te mandar para o sul, talvez pra Vibo-Valentim Calabrese... onde o prédio da polícia tem um andar só e a sala do delegado é no subsolo... Rá! Rá! Rá! Rá!... entendeu? No subsolo... rá, rá, você gostou? Não gostou? Então fica pra próxima vez. *{Finge que está ouvindo)* Tudo bem... vou lhe dizer imediatamente. Bertozzo, o não muito calabrês comissário aqui presente, disse que a primeira vez que nos encontrar — a nós dois — vai nos dar um murro no focinho! Recebido, prruu! *(Pernáquia com a boca)* da nossa parte, câmbio! *(O louco apóia o fone e sai imediatamente à procura do material)* "Ao trabalho, senhor juiz, o tempo urge!" Rá, rá, uma ocasião como esta pra demonstrar para mim e ao mundo inteiro meus estudos aprofundados, que sou digno de entrar para a categoria dos "superiores" infalíveis e sacri... onde mais eu poderia encontrar? Meu Deus, como estou emocionado! É como se tivesse que fazer um exame, mais do que um exame de grau máximo! Se conseguir convencê-los que sou o verdadeiro juiz revisor... se não desanimar, Deus do céu, chego à cátedra. Mas se eu falhar, estou perdido! Vejamos um pouco, antes de mais nada, encontrar um tipo de andar... *(Tenta um andar claudicante)* Não, este é de chanceler. Andar artrítico, mas com dignidade! Achei! Assim, com o pescoço um pouco torto... como cavalo de circo aposentado... *(Experimenta e desiste)* Não, melhor ainda o "escorregadinho" com o pulo final. *(Imita)* Nada mal! E o

"joelho de pudim"? *(Imita)* Ou então rígido como um gafanhoto *(Imita. Passos curtos, velozes, equilibrando-se entre a ponta e o calcanhar).* Hiii, os óculos... Não, nada de óculos. O olho direito entreaberto... assim, leitura furtiva, poucas palavras... um pouco de tosse cóf, cóf. Não, nada de tosse... Tiques? Bem, vê-se na hora, se for o caso. Aveludado, voz nasal?! Bonachão com acessos imprevistos: "Não, caro delegado, o senhor tem que acabar com isso. O senhor não é mais diretor de uma penitenciária fascista... Tenha isso presente sempre que puder!" Não, não, é melhor o tipo contrário. Frio, distante, tom decidido, voz monocorde, olhar triste como de míope... que se serve dos óculos, mas usa uma lente só, assim *(Continua experimentando; folheia alguns papéis).* Mas olha só! Os documentos que eu estava procurando estão aqui mesmo! Ei, calma... o que foi essa saída de tom? Voltar imediatamente ao personagem! *(Com tom decidido)* Está tudo aqui? Vamos ver. Decreto de arquivação do tribunal de Milão... Ah, tem também o processo sobre os anarquistas do grupo romano... com Ballerini na cabeça... Bom! *(Joga tudo dentro de uma pasta, mas antes se certifica de que esteja vazia. Vira a pasta ao avesso e sacode)* Um momento. Vai que por acaso sobrou ainda algum caquinho... nunca se sabe com as bolsas da justiça! Verificar sempre antes de usar!

Nesse momento, depois que o louco retirou de um cabide uma capa marrom e um chapéu preto, entra o delegado que não o reconhece vestido dessa maneira. Por um segundo, fica perplexo.

COMISSÁRIO: Bom-dia, o senhor deseja alguma coisa? Procura por alguém?

LOUCO: Nada, comissário. Voltei para buscar meus documentos...

COMISSÁRIO: Ah, ainda o senhor? Fora!!

LOUCO: Por favor, se está nervoso por problemas seus não venha se desafogar pra cima de mim.

COMISSÁRIO: Fora! *(Acompanha-o, empurrando-o até a porta.)*

LOUCO: Pelo amor de Deus! Aqui dentro são todos neurastênicos? Começando por aquele louco abusado que está por aí procurando pelo senhor, pra lhe quebrar a cara.

COMISSÁRIO: *(Pára por um momento)* Quem é que está me procurando?

LOUCO: Um tal de malha com gola roulê, tipo "dolcevita". Ainda não lhe deu o murro?

COMISSÁRIO: Um murro em mim?

LOUCO: É, no senhor e em um outro colega seu... um tal de Angari... Angario.

COMISSÁRIO: Anghiari... um comissário de Roma... da política?

LOUCO: Eu não sei de nada! ?

COMISSÁRIO: E por que é que esse tipo "dolcevita" nos daria um murro?

LOUCO: Por causa daquela pernáquia Prruu.

COMISSÁRIO: Pernáquia?

LOUCO: É, ou melhor, duas, pelo telefone... e com um risinho calhorda rá, rá... Não se lembra, rá, rá! *(Imita o fone longe da boca, como fizera antes).*

COMISSÁRIO: Mas o que é que está dizendo? É outro personagem seu?

LOUCO: É, vai perceber logo qual é o personagem quando levar um murro no olho... e nem posso discordar do vizinho do quarto andar...

COMISSÁRIO: De quem?

LOUCO: Do seu colega. Como é que vai lhe dizendo que deseja muito que o joguem na Calábria, no subsolo... ele e o chefe dele, ex-guarda de fronteira fascista?

COMISSÁRIO: Quem, onossochefe? Aquele que...

LOUCO: Que vos dirige e vos guia!

COMISSÁRIO: Escuta aqui, agora chega. Já me fez perder muito tempo... Por favor, vai embora! Some!

LOUCO: Para sempre? *(Encena beijos de adeus)* Smack! Smack! *(Ataque de raiva do comissário)* Tudo bem, OK, vou embora. De qualquer modo, se o senhor quer um conselho... — e só porque simpatizo com o senhor — quando encontrar o "vizinho dolcevita", abaixe-se. Vai por mim! *(Sai.)*

O comissário dá um grande suspiro e em seguida se dirige para o cabide. Vê que está completamente vazio.

COMISSÁRIO: *(Indo atrás dele)* Mas esse desgraçado! Com a desculpa de passar por louco, passa a mão nos capotes. Ei, você! *(Bloqueia um agente que está entrando naquele momento)* Vai atrás daquele louco... aquele que estava aqui antes... Está saindo com a minha capa... o chapéu... e vai ver que com a bolsa... exatamente, aquela é a minha! Rápido, antes que a limpe...

AGENTE: Imediatamente, comissário... *(Pára na porta, fala se dirigindo ao externo, aos bastidores)* Sim, doutor... o comissário está aqui... se acomode, entre *(Se dirigindo ao comissário que procura, confuso, as folhas rasgadas pelo louco).*

COMISSÁRIO: Mas onde foram parar as denúncias?

AGENTE: Doutor Bertozzo, o comissário da política está aqui e quer vê-lo.

O comissário Bertozzo levanta a cabeça, da escrivaninha, fica em pé e vai ao seu encontro, em direção ao bastidor da direita.

COMISSÁRIO: Oh, meu querido... faz um minuto que falei sobre você com um louco que me disse... rá, rá... veja só... que quando você me encontrasse... me daria... *(Do bastidor surge um braço muito veloz. Bertozzo está literalmente estatelado no chão; tem ainda força para terminar a frase.)*... um murro! *(E desaba.)*

Pela porta aparece o louco que grita:

LOUCO: Eu tinha lhe dito pra se abaixar!

Black-out. Intervalo musical no escuro, provavelmente uma marcha grotesca do tipo entrada

de "cômicos ", durante o tempo necessário para a mudança da cena.

As luzes são reacesas e nos reencontramos em uma sala muito parecida com a anterior. Os móveis são mais ou menos os mesmos, só que distribuídos de maneira diversa. Da parede do fundo sobressai o retrato do presidente, consideravelmente grande. É bem evidente a quadratura de uma janela escancarada. Em cena, o louco, em pe, imóvel, diante da janela, de costas para a porta por onde — alguns minutos depois — entra um comissário com paletó esporte e camisa de gola roulê.

COMISSÁRIO ESPORTIVO: *{Em voz baixa para o agente, imóvel, do lado da porta)* E aquele ali, quem é? O que ele quer?

AGENTE: Não sei, doutor. Chegou com tamanha empáfia... que parecia o dono do mundo... Disse que quer falar com o senhor e com o delegado.

COMISSÁRIO ESPORTIVO: *{Que nem por um instante parou de massagear a mão)* Ah, quer falar? *{Aproxima-se do louco de maneira muito solícita)* Bom-dia, o que o senhor deseja? Me disseram que estava me procurando.

LOUCO: *{Enquadra-o impassível, faz apenas o gesto de levantar o chapéu)* Bom-dia. *{Imobiliza o próprio olhar sobre a mão que o comissário continua a massagear)* O que aconteceu com a mão?

COMISSÁRIO ESPORTIVO: Ah, nada... quem é o senhor?

LOUCO: Não foi nada? E então por que está se massageando? Assim... pra disfarçar? Uma espécie de tique?

O comissário começa a se impacientar.

COMISSÁRIO ESPORTIVO: Pode ser... Perguntei ao senhor com quem tenho o prazer?!...

LOUCO: Uma vez conheci um bispo que se massageava como o senhor. Um jesuíta.

COMISSÁRIO ESPORTIVO: Estou enganado ou o senhor...!?

LOUCO: Ê claro que está enganado! Está realmente enganado se está tentando insinuar que eu quis aludir à proverbial hipocrisia dos jesuítas... Saiba o senhor que, pra começo de conversa, estudei com os jesuítas. E agora, alguma objeção?

COMISSÁRIO ESPORTIVO: *{Confuso, atordoado)* Não, pelo amor de Deus... não... mas é que...

LOUCO: *{Mudando abruptamente o tom)* Mas aquele bispo de quem eu falava, aquele sim era mesmo um hipócrita... um mentiroso... e, de fato, massageava sempre a mão...

COMISSÁRIO ESPORTIVO: Ouça, o senhor...

LOUCO: *{Sem sequer considerá-lo)* O senhor deveria procurar um psicanalista. Massagear-se em continuação é, antes de mais nada, sintoma de insegurança. .. sentimento de culpa... e insatisfação sexual. O senhor tem dificuldades com as mulheres?

COMISSÁRIO ESPORTIVO: *{Perdendo as estribeiras)* Ah, pera aí! *{Desfere um murro contra a mesa.)*

LOUCO: *{Indicando o gesto)* Impulsivo! Eis a comprovação! Diga a verdade, não é um tique... O senhor deu um murro em alguém há menos de quinze minutos, confesse!

COMISSÁRIO ESPORTIVO: Confesso nada! Preferiria que o senhor me dissesse de uma vez por todas com quem tenho a honra de falar... e faça-me o favor de tirar o chapéu, antes que eu me esqueça.

LOUCO: Tem razão. *{Tira o chapéu com lentidão estudada)* Acredite-me, não mantive o chapéu na cabeça por desfeita... mas por causa daquela janela escancarada. Não suporto correntes de ar... principalmente na cabeça. O senhor não? Escute, não se poderia fechá-la?

COMISSÁRIO ESPORTIVO: *{Seco)* Não, não pode!

LOUCO: Não está mais aqui quem falou. Sou o Professor Marco Maria Malipiero, 1? Conselheiro do Tribunal de Apelação.

COMISSÁRIO ESPORTIVO: Juiz? *(E vacila.)*

LOUCO: Ê... é... livre-docente da Universidade de Roma. São duas exclamações e depois da segunda tem uma vírgula, como sempre.

COMISSÁRIO ESPORTIVO: *(Transtornado)* Entendo...

LOUCO: *(Irônico e agressivo)* Entende o quê?

COMISSÁRIO ESPORTIVO: Nada, nada.

LOUCO: Justamente. *(De novo agressivo)* Não, quero dizer, nada disso! Quem foi que lhe avisou que eu viria para a revisão do processo e do arquivamento?

COMISSÁRIO ESPORTIVO: *(A essas alturas, no limite)* Mas realmente... eu...

LOUCO: Preste atenção para não mentir. Ê uma coisa que me deixa tremendamente nervoso... Eu também tenho um tique... me aperta aqui na garganta... quando alguém me conta mentira... olha só como vibra... olha! E então, sabia ou não da minha vinda?

COMISSÁRIO ESPORTIVO: *(Engolindo em seco, embaraçado)* Sim, eu sabia... Mas não o esperava tão cedo... É isso...

LOUCO: É, foi por isso mesmo que o conselho superior decidiu antecipar... Nós também temos os nossos informantes. Surpreso? Aborrecido?

COMISSÁRIO ESPORTIVO: *(A essa altura já "enrolado")* Não, imagine só... *(O louco indica o pescoço que vibra)...* quer dizer... sim, muitíssimo... *(Indica uma cadeira)* Acomode-se, me dê o seu chapéu... *(Com o chapéu nas mãos, pensa melhor)* Talvez prefira mantê-lo...?

LOUCO: Não, por favor, pode até ficar com ele... não é meu mesmo.

COMISSÁRIO ESPORTIVO: Como? (Vai *em direção à janela)* Quer que feche a janela?

LOUCO: Absolutamente não. Não se preocupe. Preferiria que mandasse chamar o delegado... gostaria de começar o quanto antes.

COMISSÁRIO ESPORTIVO: Certamente. Mas não seria melhor irmos até a sala dele... é mais cômodo.

LOUCO: É, mas foi nesta sala que aconteceu a desgraça com o anarquista, não é verdade?

COMISSÁRIO ESPORTIVO: Sim, foi aqui.

LOUCO: *(Abrindo os braços)* Conseqüentemente...

Senta-se, tira alguns documentos da pasta. Percebemos que traz consigo outra bolsa, enorme, da qual extrai um monte de bugigangas: uma lente, uma pinça, um grampeador, um martelo de madeira de juiz... um código penal. Do lado da porta, o comissário está falando em voz baixa, no ouvido do agente.

LOUCO: *(Continuando a colocar a papelada em ordem)* Eu preferiria, comissário, que em minha presença se falasse sempre em voz alta.

COMISSÁRIO ESPORTIVO: Sim, me desculpe. *(Se dirigindo ao agente)* Insista com o senhor delegado que venha o quanto antes para cá, se puder...

LOUCO: Mesmo se não puder!

COMISSÁRIO ESPORTIVO: Claro, mesmo se não puder!

AGENTE: *(Saindo)* Ás suas ordens...

COMISSÁRIO ESPORTIVO: *(Por alguns instantes observa o juiz pondo a papelada em ordem. Usando tachinhas, fixou alguns papéis na parede do lado, no parapeito da janela, no armário. De repente se lembra de alguma coisa)* Ah, certo... os relatórios! *(Pega o telefone e disca um número)* Alô, o comissário Bertozzo, por favor... onde ele foi? Falar com o delegado? *(Apóia o fone e se prepara para discar outro número)*

O louco o interrompe.

LOUCO: Me desculpe se me atrevo, doutor...

COMISSÁRIO ESPORTIVO: Fale, senhor juiz.

LOUCO: O comissário Bertozzo — o senhor parece preocupado com ele — tem talvez alguma coisa a ver com a revisão do processo?

COMISSÁRIO ESPORTIVO: Tem... é que, quer dizer... como ele mantém o arquivo com toda a documentação...

LOUCO: Mas não é preciso... tenho tudo aqui comigo... para que outra cópia? Serviria para quê?

COMISSÁRIO ESPORTIVO: Tem razão, não serve.

Escuta-se — vinda do lado de fora — a voz irada do delegado, que entra como um foguete. Atrás dele, o agente submisso.

DELEGADO: Me explique uma coisa, senhor comissário, que história é essa de eu ter que vir até o senhor, mesmo se não puder?

COMISSÁRIO ESPORTIVO: Não, o senhor tem razão, doutor... mas é que como...

DELEGADO: Como uma porra! Assim, de uma hora para outra, acha que virou um meu superior? Advirto-o de que esse seu modo insolente de se comportar não me agrada de modo algum... principalmente em relação aos seus colegas... O que é isso, chegar ao ponto de dar murro!

COMISSÁRIO ESPORTIVO: É, mas veja, senhor delegado... o Bertozzo não lhe contou da pernáquia, do jogo de palavras sobre o "calabrês" no subsolo...

O *louco, fingindo estar colocando a papelada em ordem, se esconde, de cócoras, atrás da escrivaninha.*

DELEGADO: Que pernáquia o quê? Vamos lá, ninguém é mais criança... em vez de ficar quieto... já temos todos os olhos sobre nós... com os desgraçados dos jornalistas que vivem fazendo alusões, soltando por aí um monte de notícias falsas... e pare com isso, me deixe falar... eu falo como e... *(O comissário indica o falso juiz que finge não estar participando)* Ah, aquele ali? Pelo amor de Deus! Quem é? Um jornalista? Mas por que você não falou logo?...

LOUCO: (*Sem tirar os olhos das folhas)* Não, senhor delegado, não se preocupe, não sou jornalista... não vai ter comentário de nenhum tipo... posso lhe assegurar.

DELEGADO: Agradeço-lhe muito.

LOUCO: Entendo e compartilho de sua preocupação. Aliás, eu mesmo, antes do senhor, procurei chamar a atenção do seu jovem colaborador.

DELEGADO: *(Se dirigindo ao comissário)* È verdade?

LOUCO: Este jovem, que notei ser de índole irascível e intolerante e que agora, pela conversa, descubro que é alérgico à pernáquia calabresa — a qual, aqui entre nós, é uma das mais brandas, principalmente se a confrontarmos com a sorrentina ou capuana. O senhor entende de pernáquia? *(Puxa o delegado para perto de si em confidência; o delegado acompanha-o atônito.*)

DELEGADO: Não, eu realmente...

LOUCO: *(Falando-lhe ao ouvido)* Siga o meu conselho, doutor... eu lhe falo como um pai... este rapaz precisa de um bom psiquiatra... Tome, leve-o a este meu amigo... é um gênio. *(Coloca um cartão em sua mão)* Professor Antônio Rabbi... livre-docente... Mas preste atenção à exclamação.

DELEGADO: *(Que não consegue se desvencilhar)* Obrigado, mas se o senhor me permite, eu...

LOUCO: *(Mudando, repentinamente, o tom)* Mas sem dúvida alguma, claro, sem dúvida... Acomode-se... e vamos dar início... A propósito, seu colaborador lhe informou que eu...?

COMISSÁRIO ESPORTIVO: Não, me desculpe, mas não tive tempo. *(Dirigindo-se ao delegado)* Professor Marco Maria Malipiero, primeiro conselheiro do Tribunal de Apelação...

LOUCO: Por favor, esqueçamos esse "primeiro conselheiro"... não me importo... diga simplesmente "um dos primeiros", é o suficiente.

COMISSÁRIO ESPORTIVO: Como o senhor preferir.

DELEGADO: *(Que encontra dificuldade em se recuperar do choque)* Excelência... eu estou realmente...

COMISSÁRIO ESPORTIVO: *(Tentando ajudá-lo)* O senhor juiz está aqui para conduzir a revisão do processo sobre o caso...

DELEGADO: *(Inesperadamente, em um ímpeto)* Ah, mas é claro, claro, nós estávamos esperando pelo senhor!

LOUCO: Viu como seu superior é mais sincero? Joga com as cartas na mesa! Aprenda! Mas é uma outra geração, claro, outra escola!

DELEGADO: É, outra escola.

LOUCO: Sabe, é melhor que eu lhe diga imediatamente, o senhor é... como direi... quase familiar... como se já o conhecesse... há muitos anos. O senhor, por acaso, não esteve na fronteira?

DELEGADO: *(Gaguejando)* Na fronteira?

LOUCO: Mas o que estou dizendo? Um delegado na fronteira? Onde já se viu? Retornemos ao nosso caso!

DELEGADO: Ao nosso caso.

LOUCO: *(Fixando-o com um olhar terrificante)* Já sei! *(Aponta-lhe o dedo)* Mas não, não é possível! Chega de alucinações! *(Esfrega os olhos enquanto o comissário diz, rapidamente, alguma coisa ao ouvido do delegado, que se joga, literalmente, sobre uma cadeira. Acende, nervoso, um cigarro.)* Bom, vamos aos fatos. Segundo os relatórios... *(Desfolha alguns papéis)* número... 25, 26, 27 e 28 (O *comissário tem um acesso de tosse pela fumaça que lhe desce atravessada).* Na noite de... a data não nos interessa... um anarquista — profissão: manobrista da ferrovia — se encontrava nesta sala para ser interrogado sobre a sua participação ou não no atentado com bombas que levou para os ares uns bancos, causando a morte de 16 cidadãos inocentes! E aqui suas palavras textuais, senhor delegado: "Subsistiam fortes indícios contra sua pessoa"! Foi isso que o senhor disse?

DELEGADO: Sim, mas num primeiro momento, senhor juiz... depois...

LOUCO: Estamos exatamente no primeiro momento... vamos por ordem. Por volta da meia-noite, o anarquista, tomado por um *raptus* — é sempre o senhor que fala, doutor —, se atirou pela janela, esfacelando-se no chão. Agora, o que é o tal do *"raptus"!* Diz Bandieu que o *"raptus"* é uma forma exasperada de angústia suicida que atinge até mesmo indivíduos sãos, se neles for provocada uma ansiedade violenta, uma angústia desesperada. Certo?

DELEGADO e COMISSÁRIO: Certo.

LOUCO: Então vejamos, o que foi que causou ansiedade, angústia? Só nos resta reconstruir a ação e cabe ao senhor entrar em cena, delegado.

DELEGADO: Eu?

LOUCO: Sim, vamos lá. O senhor se incomodaria de representar a sua famosa entrada?

DELEGADO: Me desculpe, mas famosa o quê?

LOUCO: Aquela que determinou o *raptus.*

DELEGADO: Senhor juiz... deve haver um equívoco, aquela entrada não foi minha, mas de um meu vice, um colaborador...

LOUCO: Ei, não é bonito jogar a responsabilidade sobre os dependentes, ou melhor, é bem feio... Coragem, coragem, se reabilite e assuma o seu papel...

COMISSÁRIO ESPORTIVO: Mas, senhor juiz, foi uma daquelas táticas às quais se recorre freqüentemente... em qualquer polícia, pra fazer o indiciado confessar.

LOUCO: Mas quem foi que chamou o senhor? Deixe o seu superior falar, por favor! Sabia que é muito mal-educado? De agora em diante, responda só se **for** interrogado... entendeu? E o senhor, doutor, por favor, represente, em primeira pessoa, aquela entrada.

DELEGADO: Tudo bem. As coisas aconteceram mais ou menos assim. O anarquista indiciado estava **ali,** justamente no lugar onde o senhor está sentado.

O meu auxiliar... isto é, eu entrei com uma certa impetuosidade...
LOUCO: Bravo!
DELEGADO: Agredi o indiciado!
LOUCO: Assim é que eu gosto!
DELEGADO: Caro manobrista e também subversivo... acabe de uma vez por todas com o lenga-lenga...
LOUCO: Não, não, por favor... se atenha ao roteiro. *(Mostra os relatórios)* Aqui não tem censura... não foi isso o que o senhor disse.
DELEGADO: Bom, eu disse: "acha que eu estou aqui pra ser enrabado?".
LOUCO: Se limitou à palavra rabo?
DELEGADO: Sim, juro.
LOUCO: Acredito, continue. Como terminou?
DELEGADO: Temos as provas de que foi você quem colocou as bombas na estação.
LOUCO: Quais bombas?
DELEGADO: *(Abaixando o tom. Discursivo.)* Estou falando do atentado de 25...
LOUCO: Não, responda com as mesmas palavras daquela noite. Imagine que eu seja o ferroviário anarquista. Vamos, coragem, quais bombas?
DELEGADO: Não se faça de desentendido. Você sabe muito bem de que bomba estou falando. Aquelas que vocês colocaram nos vagões da estação central, há oito meses.
LOUCO: Mas vocês têm realmente essas provas?
DELEGADO: Não, mas como o comissário estava explicando antes, se tratava de um daqueles velhos truques aos quais recorremos freqüentemente na polícia...
LOUCO: Rá, rá... que espertos... *(E dispara um tapa nas costas do delegado, estonteado.)*
DELEGADO: Mas nós tínhamos algumas suspeitas... Como o indiciado era o único ferroviário anarquista de Milão... foi fácil inferir que foi ele...
LOUCO: Certo, certo, é evidente, direi óbvio. Quer dizer que se as bombas na ferrovia foram colocadas

— sem dúvida alguma — por um ferroviário, também podemos inferir, conseqüentemente, que aquelas do palácio da justiça foram colocadas por um juiz; no monumento ao soldado desconhecido foram colocadas pelo comandante do corpo de guarda, e as no Banco da Agricultura foram colocadas por um banqueiro ou por um agricultor, à escolha. *(Nesse momento se torna furioso)* Ora, senhores... eu estou aqui para fazer uma investigação séria e não para brincar com silogismos idiotas! Continuemos! Aqui diz: *(lendo em uma folha)* "O anarquista parecia não ter sido atingido pela acusação, sorria incrédulo". Quem fez essa declaração?
COMISSÁRIO: Eu, senhor juiz.
LOUCO: Bom, então sorria... Mas aqui também se comenta — são suas palavras... textuais... retomadas pelo juiz que arquivou a investigação... "indubitavelmente concorreu para a crise suicida o medo de perder o emprego, de ser despedido". Mas como, antes sorria incrédulo e depois, de repente, tinha medo? Quem foi que lhe meteu esse medo? Quem é que entrou de sola com essa história de demissão?
COMISSÁRIO: Não, juro, no que me toca... eu...
LOUCO: Por favor, não nos subestimemos... vocês não são violonistas... O que é isso? Todos os policiais do mundo descem a mão pesado, com prazer. Não entendo por quê, justamente vocês, deveriam ser os únicos a pegarem leve! Estão pensando o quê?
DELEGADO e COMISSÁRIO: Obrigado, senhor juiz.

LOUCO: De nada. Por outro lado, sabe-se que às vezes é perigoso. Alguém chega para um anarquista: "As coisas não estão boas pra você... o que vão dizer os dirigentes da ferrovia quando contarmos para eles **que** você é um anarquista... te põem no olho da **rua**... despedido!" Fica chateado... O anarquista — é preciso que se diga — mais do que ninguém se preocupa com o emprego... No fundo são pequenos burgueses... ligados às pequenas comodidades: **salário** fixo todos os meses, abono... décimo-terceiro,

aposentadoria, assistência, velhice serena... Ninguém mais do que um anarquista pensa na própria velhice, podem acreditar em mim... Estou falando dos anarquistas de hoje em dia, naturalmente... os pés-de-chinelo de agora... Nada a ver com os do passado... Expulsos de terra em terra... O senhor entende de exilados, delegado? Oh, mas o que foi que eu disse? Então, recapitulando, os senhores abatem moralmente o anarquista, amarguram-no e ele se joga...

COMISSÁRIO: Se o senhor me permite, senhor juiz, para ser honesto, não aconteceu imediatamente... está faltando a minha intervenção.

LOUCO: Claro, tem razão... o comissário saiu, depois reentrou e após uma pausa artística disse... Força, comissário, assuma o seu papel... imaginando sempre que eu seja o anarquista...

COMISSÁRIO: Sim, claro. "Acabaram de me ligar de Roma... Tem uma boa notícia para você. O teu amigo, *pardon,* companheiro bailarino confessou... admitiu ter sido ele quem colocou as bombas no banco de Milão."

LOUCO: E ele, o ferroviário, como recebeu a notícia?

COMISSÁRIO: É... mal, ficou pálido... pediu um cigarro... acendeu-o...

LOUCO: E aí se jogou.

DELEGADO: Não, não imediatamente.

LOUCO: Na primeira versão o senhor teria dito "imediatamente", não é verdade?

DELEGADO: Sim, é verdade.

LOUCO: Além disso — ainda o senhor — falando com a imprensa e a televisão, declarou que antes do trágico gesto o anarquista se sentia perdido... encurralado. Disse isso?

DELEGADO: Sim, disse exatamente isso: "encurralado".

LOUCO: E depois, o que mais declarou?

DELEGADO: Que o seu álibi — segundo o qual teria transcorrido a famosa tarde do atentado jo-0

gando baralho em um bar de Milão — caíra por terra, não se agüentava em pé.

LOUCO: Portanto, o anarquista deveria ser considerado fortemente indiciado pelo atentado ao banco de Milão, além do atentado aos trens. E acrescentou, para terminar, que o gesto suicida do anarquista era um "evidente ato de acusação".

DELEGADO: Sim, disse isso.

LOUCO: E o senhor, comissário, gritou que quando vivo aquele lá era um delinqüente, um patife! Mas após algumas semanas, o senhor, comissário, declarou — eis aqui o documento — que "naturalmente", repito, "naturalmente" não pesavam indícios concretos contra o ferroviário. Certo? Era, então, absolutamente inocente e o senhor mesmo, comissário, até comentou: "Aquele anarquista era uma grande pessoa".

DELEGADO: Sim, admito... nós nos enganamos...

LOUCO: Por favor!.. Todos podemos errar. Mas vocês, me desculpem, foram um pouco longe demais. Deixem que eu explique. Antes de mais nada, prenderam arbitrariamente um cidadão livre; em seguida, abusaram da própria autoridade para segurá-lo além do prazo legal, e aí traumatizaram o coitado do manobrista, dizendo-lhe que tinham provas de que ele era o dinamitador das ferrovias. Depois criaram-lhe, mais ou menos voluntariamente, a psicose de que perderia o emprego, que seu álibi do jogo de baralho não valia e, para terminar, porrada final: que o seu amigo e companheiro de Roma tinha-se confessado culpado pela chacina de Milão. Seu amigo, um assassino nojento?! Tanto é que ele comenta desolado: "É o fim da anarquia!", e se atira! E eu só queria saber uma coisa: tá todo mundo louco? Por que se espantar se a um fodido desses lhe vem um *raptus?!* Ah, não, sinto muito, mas na minha opinião vocês são culpados, e como! Vocês são totalmente responsáveis pela morte do anarquista! Passíveis de incriminação imediata por instigação ao suicídio!

DELEGADO: Mas, senhor juiz, como é possível? A nossa obrigação — o senhor mesmo admitiu — é interrogar os indiciados, e para conseguir que eles falem, algumas vezes, é preciso recorrer a estratagemas, armadilhas e a um pouco de violência psíquica....

LOUCO: Ah, não! Aqui não se trata de "um pouco", mas sim de violência contínua. Pra começo de conversa, vocês tinham ou não tinham provas cabais de que aquele coitado do ferroviário tivesse mentido sobre o próprio álibi? Respondam!!

DELEGADO: Não, não tínhamos provas cabais... mas...

LOUCO: Os "mas" não me interessam! Ainda existem ou não dois ou três aposentados que até hoje confirmam o tal álibi?

COMISSÁRIO: Sim, existem.

LOUCO: Portanto, vocês mentiram também para a televisão e a imprensa, dizendo que o álibi não tinha validade e que subsistiam pesados indícios. Quer dizer que as ciladas, os ardis, as armadilhas são usadas não só para convencer os indiciados, mas também para enganar, para abusar da boa fé do povo crédulo e babaca. (O *delegado gostaria de intervir)* Me deixe terminar, por favor. Já ouviram dizer que divulgar notícias falsas ou tendenciosas é crime grave?

DELEGADO: Mas o meu colaborador me tinha assegurado...

LOUCO: Ai, ai, ai, outra vez jogando a culpa em terceiros... e então me responda o senhor, comissário, de onde veio a notícia de que o bailarino anarquista tinha confessado? Li todas as transcrições dos interrogatórios conduzidos pela polícia e pelo juiz instrutor de Roma... *(Mostra aos presentes)* e não se encontra que o tal anarquista mencionado tenha admitido a própria responsabilidade na chacina dos bancos, nem uma só vez. E aí? Esta confissão foi inventada por vocês? Respondam!

COMISSÁRIO: É, fomos nós que a inventamos.

LOUCO: Ei, que imaginação! Vocês deveriam ser escritores. E talvez lhes seja dada a ocasião, podem estar certos. Em cana se escreve muito bem. Abalados? Deixem-me acrescentar, com toda a franqueza, que em Roma há provas arrasadoras da culpa de vocês. Acusações gravíssimas! Estão perdidos. Os ministérios da Justiça e do Interior decidiram se livrar de vocês. Querem que sirvam de exemplo — o mais sério possível — para se reestabelecer a credibilidade que a polícia perdeu.

DELEGADO: Não, não posso acreditar!

COMISSÁRIO: Mas como podem...

LOUCO: Duas carreiras arruinadas, isso é certo! Ê a política, meus queridos. Antes vocês serviam a um tipo de jogo. Era preciso frear as lutas sindicais... criar um clima de "caça aos subversivos". Agora, no entanto, mudou um pouco... As pessoas estão indignadíssimas com a defenestração do anarquista... Querem duas cabeças... e o Estado vai lhes dar.

DELEGADO: Mas por que as nossas?

COMISSÁRIO: Porquê?

LOUCO: Tem um velho ditado inglês que diz: "O patrão atiça os cães contra os vilões...Se os vilões se queixam ao rei, o patrão, para ser perdoado, mata os cães."

DELEGADO: E o senhor acha que...realmente... Está convencido?

LOUCO: Mas se sou eu o justiceiro?!

COMISSÁRIO: Profissão desgraçada!

DELEGADO: Eu sei quem me preparou a forca... Ah, mas ele me paga.

LOUCO: Podem estar certos de que vai ter muita gente se deliciando com as desgraças de vocês... se divertindo.

COMISSÁRIO: Começando pelos nossos colegas... é isso que me deixa louco!

LOUCO: Para não falar dos jornais!

COMISSÁRIO: Quem sabe como é que vão nos tratar... Imagine as manchetes!

DELEGADO: Onde será que eles vão cavoucar — esses vermes que antes vinham lamber as nossas mãos... "Forca prós meganhas!"
COMISSÁRIO: "Era um sádico, um violento!"
LOUCO: Pra não falar das humilhações...das ironias___
DELEGADO: Não dou bola. Todo mundo que te dá as costas...nem um lugar de guarda-carros a gente vai conseguir.
COMISSÁRIO: Mundo sujo!
LOUCO: Não, governo sujo!
DELEGADO: A essa altura, o senhor me diga, o que nos resta fazer? Nos dê um conselho!
LOUCO: Eu!? E o que é que eu poderia lhes dizer?
COMISSÁRIO: Sim, sim, nos aconselhe!
LOUCO: Eu, no lugar de vocês...
COMISSÁRIO: No nosso lugar?
LOUCO: Me jogaria pela janela!
COMISSÁRIO e DELEGADO: O quê?
LOUCO: Vocês me pediram um conselho...e, a este ponto, ter de suportar uma humilhação como essa... Sigam o meu conselho, pulem! Vamos, coragem...
DELEGADO: OK, tudo bem, mas o que isso tem a ver...?
LOUCO: Certo, não tem nada a ver. Se deixem tomar pelo *raptus* e se joguem *(e empurra ambos em direção à janela).*
COMISSÁRIO e DELEGADO: Mas não, espere! Espere!
LOUCO: "Espere"! Esperar o quê? O que é que vocês estão fazendo neste mundo nojento? Isso é vida? Mundo sujo, governo sujo...Tudo está sujo! Pulemos todos! *(Com grandes empurrões, arrasta-os.)*
DELEGADO: Não, senhor juiz. O que o senhor está fazendo? Eu ainda tenho esperança!
LOUCO: Não existe mais esperança, vocês estão perdidos...vocês querem entender isso? Perdidos!!! Pulem!

DELEGADO e COMISSÁRIO: Não empurre...por favor!
LOUCO: Não estou empurrando, é o *"raptus".* Viva o *"raptus"* liberador! *(Pega os dois pela cintura e obriga-os a subir no parapeito da janela).*
DELEGADO e COMISSÁRIO: Não, não, socorro! Socorro!

Entra o agente que havia saído no início do interrogatório.

AGENTE: O que está acontecendo, doutor?
LOUCO: *(Abandonando a presa)* Rá, rá, nada, não aconteceu nada...não é, comissário? Não é senhor delegado? Vamos, tranqüilizem o agente.
DELEGADO: *(Desce trêmulo da balaustrada)* É claro, fique à vontade.. .foi só...
LOUCO: Um *"raptus".*
AGENTE: Um *"raptus"?*
LOUCO: É, queriam se jogar pela janela.
AGENTE: Eles também?
LOUCO: Também, mas pelo amor de Deus, não conte aos jornalistas!
AGENTE: Não, não.
COMISSÁRIO: Mas não é verdade! Era o senhor juiz que queria...
DELEGADO: Justamente.
AGENTE: O senhor queria pular, senhor juiz?
DELEGADO: Não, ele empurrava.
LOUCO: É verdade, é verdade. Eu estava empurrando. E por pouco não caíram mesmo...estavam desesperados. Quando alguém está desesperado, não precisa muito...
AGENTE: Ê sim, não precisa muito!
LOUCO: E olhe pra eles. Ainda estão desesperados... olhe que caras de enterro!
AGENTE: *(Excitado pelas confidencias do juiz)* Sim, desculpe a expressão... parecem na merda, como se diz...
DELEGADO: Ei, mas todo mundo enlouqueceu?
AGENTE: Me desculpe, eu queria dizer no WC.

LOUCO: Vamos, vamos, ânimo! Ãguas passadas, como se diz.. .alegria, doutores!
DELEGADO: É, pro senhor é fácil falar...na nossa posição...Asseguro ao senhor que por um momento... quase-quase me joguei pra valer!
AGENTE: Estava quase pulando? O senhor?
COMISSÁRIO: Eu também!
LOUCO: Viram, doutores! Quando se fala de *"raptus"?!* E de quem teria sido a culpa?
DELEGADO: Daqueles putos do governo... de quem mais?... Primeiro te incentivam... "reprimir, criar clima de subversão, de desordem ameaçadora"...
COMISSÁRIO: "De necessidade de um Estado forte!" Você se arrisca e depois...
LOUCO: Não, nada disso, a culpa é toda minha!
DELEGADO: Sua? E por quê?
LOUCO: Porque não é verdade. Eu inventei tudo!
DELEGADO: O quê! Não é verdade que Roma quer despachar a gente?
LOUCO: Não, nem pensa nisso.
COMISSÁRIO: E as provas arrasadoras?
LOUCO: Nunca existiram.
COMISSÁRIO: E a história do ministro que queria as nossas cabeças?
LOUCO: Mentira, o ministro adora vocês. São as meninas dos olhos dele. E o diretor da polícia, então? Quando ouve o nome de vocês se comove... chora.
DELEGADO: Não está brincando, não é?
LOUCO: Claro que não! O governo todo ama vocês! E devo dizer que até mesmo o ditado inglês do patrão que mata os cães é falso. Se é que aconteceu, foi o contrário. Se o cão morre na briga, o rei manda imediatamente um telegrama de condolências para o patrão. E coroas com faixas!

O comissário tenta tomar a palavra; o delegado, já nervoso, está se irritando.

COMISSÁRIO: Se eu não entendi mal...

DELEGADO: Claro que entendeu mal... Me deixe falar, comissário...
COMISSÁRIO: Sim, me desculpe doutor.
DELEGADO: Não entendo por que o senhor, senhor juiz, montou toda essa farsa?...
LOUCO: Farsa? Não, são só armadilhas normais ou truques aos quais a magistratura, algumas vezes, recorre para demonstrar à polícia o quanto esses métodos são incivilizados, pra não dizer criminosos.
DELEGADO: Então o senhor continua convencido de que, se o anarquista se jogou pela janela, fomos nós que o empurramos?
LOUCO: Vocês mesmos me confirmaram, um minuto atrás...perdendo a cabeça!
COMISSÁRIO: Mas nós não estávamos presentes no momento em que ele se jogou. Pergunte ao guarda!
GUARDA: Sim, senhor juiz, eles tinham acabado de sair quando aquele lá se jogou!
LOUCO: Seria afirmar que se alguém ativa uma bomba em um banco e sai, não é culpado porque não estava presente no momento da explosão!! Ah, estamos bem de lógica por aqui!...
DELEGADO: Mas não, senhor juiz, foi um equívoco... o agente se referiu à primeira versão... nós estamos falando da segunda.
LOUCO: Ah é...teve um tipo de retratação, num segundo momento.
DELEGADO: Bom, uma retratação mesmo não... uma simples correção.
LOUCO: Certo. Ouçamos. O que vocês corrigiram?

Ò delegado faz um sinal ao comissário.

COMISSÁRIO: Bem,nós...
LOUCO: Fiquem advertidos de que também tenho os relatórios dessa nova versão. Por favor, prossigam...
COMISSÁRIO: Corrigimos a hora do... como direi... do engano...
LOUCO: Como hora do engano?

LOUCO: A primeira coisa que devemos provar, com argumentos irrefutáveis, é que durante aquelas quatro horas o anarquista superou qualquer desânimo, o famoso "baque psicológico", como o chama o juiz arquivista.

COMISSÁRIO: Bom, tem o testemunho do soldado aqui e o meu também, no qual se declara que o anarquista, após um primeiro momento de desânimo, se refazia...

LOUCO: Está no relatório?

COMISSÁRIO: Acho que sim...

LOUCO: Sim, sim, faz parte da segunda versão dos fatos... Achei *(Lê):* "O ferroviário se acalma e diz que ele e o ex-bailarino não mantinham boas relações." Ótimo!

COMISSÁRIO: Como se dissesse que não lhe importava muito saber que ele era o dinamitador-assassino.

LOUCO: Certo, não o valorizava muito como anarquista, nem como bailarino.

COMISSÁRIO: Talvez nem sequer o considerasse anarquista.

LOUCO: Eu acho que o desprezava.

COMISSÁRIO: Durante uma briga até se atiraram um saleiro...

DELEGADO: Iiii, dá um azar!

LOUCO: E não nos esqueçamos que o nosso ferroviário estava a par do fato que o grupo anarquista romano era freqüentado por um monte de espiões e informantes da polícia... Ele teria até dito ao bailarino: "A polícia e os fascistas usam vocês como estopim de desordem... O grupo de vocês está cheio de provocadores pagos... que levam vocês pra onde quiserem... e aí toda a esquerda vai de roldão..."

COMISSÁRIO: Pode ser que eles tenham brigado justamente por isso!

LOUCO: É... e como o bailarino não lhe deu atenção, talvez o nosso ferroviário tenha começado a suspeitar que ele também fosse um provocador.

DELEGADO: Ah, pode ser!

LOUCO: Portanto, se não lhe importava — prova irrefutável — o anarquista estava sereno.

COMISSÁRIO: Mais do que isso, até sorria... se lembra, eu mesmo declarei isso desde a primeira versão.

LOUCO: É, mas infelizmente tem um problema. Na primeira versão vocês disseram por aí que o anarquista "abatido" acendeu um cigarro à Humphrey Bogart e teria comentado "desolado": "É o fim da anarquia". Tã-tã-tã-tã! Mas o que foi que deu em vocês para usarem esse tom melodramático! Pelo amor de Deus!

DELEGADO: Tem razão, senhor juiz. A idéia foi dele, do garotão aqui. Eu até disse pra ele: "Vamos deixar as encenações para o pessoal do cinema, nós somos da polícia..."

LOUCO: Ouçam-me, a esta altura, a única solução para que se entenda alguma coisa — se quisermos encontrar uma solução orgânica — é esquecer tudo e recomeçar do início.

COMISSÁRIO: Temos que dar uma terceira versão?

LOUCO: De jeito nenhum! É só tornar plausíveis as duas que já temos.

DELEGADO: Certo.

LOUCO: Então, primeiro ponto, primeira regra. O que foi dito, foi dito e não se volta atrás. Portanto permanece imutável que o senhor, comissário, e o senhor, ou quem tenha sido em seu lugar, armaram o salto de vara sem vara, que o anarquista fumou o seu último cigarro, declarou a frase dramática... e é aqui que temos a variante: não se jogou pela janela porque ainda não era meia-noite, mas somente oito horas.

DELEGADO: Como na segunda versão...

LOUCO: E se sabe que os ferroviários respeitam muito o horário.

DELEGADO: Assim teríamos tido o tempo necessário para fazer com que ele mudasse de idéia...

até mesmo conseguindo que adiasse a decisão do suicídio.
COMISSÁRIO: Não tem um furo!
LOUCO: Sim, mas como se deu essa mudança?... Só o tempo não basta para sanar certas feridas... Alguém deve ter ajudado... sei lá, com um gesto...
AGENTE: Eu lhe dei um chiclete!
LOUCO: Genial! E vocês?
DELEGADO: Mas eu não estava...
LOUCO: Não, este é um momento muito delicado. O senhor teria que estar ali.
DELEGADO: Tudo bem, eu estava.
LOUCO: Bom,.só pra começar, poderíamos dizer que o anarquista estava de tal forma consternado que vocês se comoveram.
COMISSÁRIO: Sim, ele realmente me comoveu.
LOUCO: E poderíamos acrescentar que vocês sentiram muito o fato de tê-lo amargurado... Senhor delegado, o senhor, um homem tão sensível!
DELEGADO: No fundo eu sentia pena... Não gostava daquilo.
LOUCO: Perfeito! Aposto que não conseguiu evitar a mão no ombro...
DELEGADO: Não, acho que não.
LOUCO: O que é isso, um gesto paternal...
DELEGADO: Bem, talvez, mas não me lembro.
LOUCO: Eu tenho certeza que sim. Por favor... me diga que sim!...
AGENTE: Sim, sim... eu vi!
DELEGADO: Bom, se ele me viu...
LOUCO: *(Dirigindo-se ao comissário)* O senhor, por sua vez, deu-lhe um beliscão na bochecha... assim *(Dá-lhe um beliscão).*
COMISSÁRIO: Sinto muito desiludi-lo, mas tenho certeza que não... não dei beliscão.
LOUCO: Ê claro que me desilude... e sabe por quê?... Porque aquele homem, além de anarquista, era ferroviário! Tinha se esquecido? E sabe o que significa ferroviário? Significa alguma coisa que para todo mundo é ligada à infância... Significa

trenzinhos elétricos e de corda. O senhor, quando era criança, nunca teve trenzinhos?
COMISSÁRIO: Tinha um a vapor... com fumaça... trem blindado, naturalmente.
LOUCO: E fazia tu-tu?
COMISSÁRIO: É... tu-tu...
LOUCO: Esplêndido! Disse tu-tu... e os seus olhos se iluminaram. Não, doutor, o senhor só pode ter sentido afeto por aquele homem... porque no seu inconsciente ele estava ligado ao seu trenzinho... Se o indiciado tivesse sido, sei lá, um banqueiro, o senhor não teria nem mesmo olhado para ele. Mas era um ferroviário e... o senhor, tenho absoluta certeza, ... o senhor deu o beliscão...
AGENTE: Ê verdade, eu vi. Deu dois beliscões!
LOUCO: Está vendo... tenho testemunhas! E o que foi que disse enquanto dava os beliscões?
COMISSÁRIO: Não me lembro...
LOUCO: Eu lhe conto o que disse. Lhe disse: "Vamos lá, não fique tão abatido (E chamou-o pelo nome). Você vai ver, a anarquia não morrerá!".
COMISSÁRIO: Mas eu acho que não...
LOUCO: Ah, não! Pelo amor de Deus... o senhor disse... se não, me zango. Olhe só a veia do pescoço'. Admite ou não ter dito?

COMISSÁRIO: OK, OK... se o senhor ficar contente...
LOUCO: Então repita... Tenho que redigir o relatório (*Começa a escrever).*
COMISSÁRIO: Bom, eu falei... "Vamos lá... rapaz, não fique assim... você vai ver... a anarquia não morrerá!"
LOUCO: Bom... e aí vocês cantaram!
DELEGADO: Cantamos...?
LOUCO: É claro, a esse ponto... criou-se um clima de tanta amizade, camaradagem... que é impossível não cantar. Todos em coro! Vejamos, o que foi que vocês cantaram? "Nossa pátria é o mundo inteiro", imagino...

DELEGADO: Não, me desculpe, senhor juiz, mas essa história de canto não dá pra agüentar.
LOUCO: Ah, não dá pra agüentar?... Querem saber de uma coisa? Eu largo tudo e que se arranjem... Problema de vocês. Relato os fatos como foram contados... Sabe o que vai sair disso? Desculpem-me a expressão, mas vai ser uma zona! É, isso mesmo! Dizem uma coisa, depois se retratam... dão uma versão, meia hora depois uma outra completamente diferente... não estão de acordo nem entre vocês. Tem aqui uma anotação que diz que o anarquista já teria tentado se jogar uma primeira vez, no mesmo dia, no fim da tarde, na presença de vocês... e vocês nem sequer acenaram sobre este pequeno detalhe... Fazem declarações a toda a imprensa e, se não me engano, até aos telejornais, deste tipo: "naturalmente", não existe nenhum registro dos interrogatórios feitos ao anarquista. Não tivemos tempo... e um pouco depois, milagre, aparecem nada menos do que dois ou três relatórios... assinados por ele... pelo punho do anarquista, quando estava vivo! Se um indiciado se contradissesse a metade do quanto vocês se enrolaram, seria no mínimo massacrado. Sabe o que as pessoas estão pensando de vocês? Que são uns mentirosos... além de malandros. Quem é que vocês querem que acredite na história, além do juiz arquivista, naturalmente? E sabem qual é a principal razão pela qual as pessoas não acreditam em vocês? Porque essa versão dos fatos, além de não ter nem pé nem cabeça, não tem humanismo... calor humano. Ninguém esquece a resposta indelicada e insolente que o senhor deu, comissário, à coitada da viúva do anarquista quando ela lhe perguntou por que não a tinham avisado da morte do marido. Não tem nem um pingo de comoção... nenhum de vocês se abandona... se entrega... e, porque não, ri, chora, canta! As pessoas perdoariam todas as contradições em que a cada segundo vocês caíram se, em troca, por detrás desses detalhes embaraçosos, conseguissem ver um coração... dois "homens humanos" que

são tomados pela comoção e, mesmo sendo policiais, cantam com o anarquista a canção dele... só para lhe dar uma alegria... "Nossa pátria é o mundo inteiro"... Quem não explodiria em lágrimas?... Quem, ouvindo uma história parecida, não aplaudiria o jubiloso nome de vocês?! Por favor! Para o bem de vocês... para que o processo corra a favor de vocês... Cantem! *(Começa a cantar em voz baixa, piscando para os policiais que, timidamente, um depois do outro, fazem suas tentativas.)*

Vagueia por terras e por mares
por uma idéia deixamos os familiares

Força! Mais alto! *(Exalta-os, até mesmo sacudindo-lhes pelos ombros.)*

Nossa pátria é o mundo inteiro...

Mais alto, por favor!

Nossa lei é a liberdade
e um pensamento, um pensamento...
Nossa pátria é o mundo inteiro...

Lentamente, sobre o coro em alta voz, desce a escuridão.

SEGUNDO ATO

Ainda com as luzes apagadas, os quatro recomeçam a cantar como no final do primeiro ato, terminando com um agudo; o palco se ilumina totalmente.

LOUCO: *(Aplaude, abraça, aperta as mãos)* Genial, genial! Agora sim, estamos bem. Depois disso, ninguém mais vai pôr em dúvida que o anarquista estava mesmo sereno.
COMISSÁRIO: Eu arriscaria que estivesse contente.
LOUCO: Claro, se sentia em casa. Como se estivesse em um daqueles grupos romanos onde, como já dissemos, existem cada vez mais policiais disfarçados e menos anarquistas de verdade.

DELEGADO: A seqüência de fogo das nossas acusações falsas não tinha atacado em nada sua psique.
LOUCO: Portanto, nada de *raptus;* o *raptus* vem depois. *(Indica o comissário.*) Quando?
COMISSÁRIO: Por volta de meia-noite.
LOUCO: Qual a causa?
DELEGADO: Bem, eu acho que a razão...
LOUCO: Não, não, pelo amor de Deus! O senhor não acha nada... O senhor não deve saber de nada, delegado!
DELEGADO: Por que não devo saber?
LOUCO: O, miséria, a gente aqui, dando saltos mortais pra tirar o senhor do meio, pra demonstrar que não tem nada a ver com a morte do ferroviário... nem mesmo estava presente...
DELEGADO: Tem razão, me desculpe... me distraí.
LOUCO: É, mas o senhor se distrai com muita facilidade, doutor... Esteja mais atento... Então, como dizia Totó em uma velha farsa: "nesse momento o delegado não estava na delegacia!" Mas estava o comissário!
COMISSÁRIO: Certo, eu estava, mais saí logo depois.
LOUCO: Ai, ai, ai, passando a bola outra vez. Seja bonzinho, me conte o que aconteceu à meia-noite.
COMISSÁRIO: Éramos seis pessoas nesta sala: quatro agentes, eu... um tenente.
LOUCO: Ah, sei, aquele que depois promoveram a capitão.
COMISSÁRIO: É, ele.
LOUCO: E o que estavam fazendo?
COMISSÁRIO: O interrogatório.
LOUCO: Ainda?! "Onde estava, o que estava fazendo? Fala! Não banque o esperto"... Porra, depois de tantas horas, imagino que todos deveriam estar um pouco alterados... com os nervos à flor da pele... irritados.
COMISSÁRIO: Nada disso, senhor juiz. Estávamos muito calmos.

LOUCO: Vocês nem deram uma amansadinha nele? Nem um tabefe com as costas da mão?
COMISSÁRIO: Não.
LOUCO: Com a mão aberta?
COMISSÁRIO: Nem isso.
LOUCO: De lado?
COMISSÁRIO: De lado?
LOUCO: É, como quando se faz massagem em mulheres cheias de celulite... tá-tá-tá. *(Imita em alta velocidade, com as mãos de perfil)* O karatê faz um bem!
COMISSÁRIO: Não, senhor juiz... nem mesmo a massagem. Nós estávamos interrogando como se fosse uma brincadeira.
LOUCO: O quê? Brincadeira?
COMISSÁRIO: Garanto ao senhor... pergunte aos guardas. *(E empurra o agente em direção ao juiz.)*
LOUCO: Não é necessário. É incrível. *(Mostra uma folha)* Mas está escrito também na deposição feita diante do juiz-arquivista.
COMISSÁRIO: Certo, e ele não colocou nenhuma dúvida a esse respeito.
LOUCO: Ah! Nem eu vou colocar... "Brincadeira" em que sentido?
COMISSÁRIO: No sentido que se brincava... interrogávamos ele tentando rir de tudo aquilo.
LOUCO: Não entendo. Brincavam de bandido e mocinho? Com máscaras, pistola de água...
COMISSÁRIO: Bom, não a esse ponto... Quero dizer, ria-se de tudo aquilo, imitávamos os indiciados. .. alguns trocadilhos... umas piadas...
AGENTE: É, a gente ria muito. Não parece, mas o comissário é um gozador... Precisa ver, quando está inspirado, que interrogatórios divertidos que ele faz... rá, rá, rá. Ê de morrer de rir!
LOUCO: Agora estou entendendo por que em Roma decidiram mudar o *slogan* de vocês.
DELEGADO: O *slogan* da polícia?
LOUCO: É, o de vocês. O ministério decidiu.
DELEGADO: Vão mudá-lo?

LOUCO: Bem, melhor dizendo, vão completá-lo... Como é agora?
COMISSÁRIO: A polícia está a serviço do cidadão.
LOUCO: Isso, de agora em diante será "a polícia está a serviço do cidadão para diverti-lo".
DELEGADO: Ah, mas o senhor está nos gozando.
LOUCO: Nada disso, tenho absoluta certeza de que vocês tratam os indiciados na brincadeira, como afirmam... Eu me lembro, estava em Bergamo — deveria dizer São Francisco mas tem a transposição[3] — estava em Bergamo durante os interrogatórios do chamado "Bando da Segunda-feira" — vocês se lembram? Estavam envolvidos o padre, o médico, o farmacêutico... quase toda a cidade foi incriminada, depois inocentaram todo mundo. Muito bem, eu morava em um hotelzinho do lado da delegacia onde se desenrolavam os interrogatórios. Quase todas as noites acordava com gritos e lamentações. Num primeiro momento, pensei que eram de gente apanhando, levando porrada... mas depois entendi que se tratava de risadas. É, risadas um pouco sem graça dos interrogados. "Rá, rá, ai minha mãe! Chega, rá, rá! Socorro, não agüento mais! Comissário, chega, o senhor está me matando de rir!"
DELEGADO: Ironias à parte, o senhor sabe que, em seguida — do delegado ao último imputado — condenaram todos? Aqueles lá?!
LOUCO: Claro, por excesso de comicidade! *(Os policiais dão sinais de impaciência)* Não, não estou brincando. Vocês ainda não se deram conta de quantos inocentes inventam mentiras só para serem levados para a delegacia! Vocês pensam que são anarquistas, comunistas, poder operário, sindicalistas... Não, na verdade eles não passam de uns pobres doentes depressivos, hipocondríacos, melancólicos, que se camuflam em revolucionários só para serem interrogados por vocês... e finalmente poderem dar

(3) Ver nota 2.

umas boas risadas. Dar uma lavada na alma, resumindo.
DELEGADO: Eu diria, senhor juiz, que mais do que nos gozando, o senhor está mesmo nos ridicularizando!
LOUCO: Pelo amor de Deus, não me permitiria jamais...
COMISSÁRIO: E eu assim mesmo juro que, naquela noite com o anarquista, nós estávamos rindo!
AGENTE: É, é... estávamos brincando. Eu também juro.
LOUCO: Cala a boca! Só os superiores podem jurar! (*O delegado retira o agente da frente, bem rápido)* Tudo bem, admitamos. E de quem... do que vocês riam?
COMISSÁRIO: Principalmente do anarquista bailarino.
LOUCO: Ah, pelo fato de que era também manco... Anarquista, bailarino, manco... Rá, rá.
COMISSÁRIO: É, disso também...
LOUCO: E vocês fizeram algum comentário maldoso sobre o detalhe que sendo bailarino e vivendo de enfiar missangas para fazer abajur *liberty*... talvez, quem sabe, ele também não fosse um pouco *liberty ?!*
AGENTE: Rá, rá, anarquista *liberty !!*
DELEGADO: Cala a boca!
COMISSÁRIO: Não, não forçamos a esse ponto.
LOUCO: Mas deixem disso, não se façam de modestos. De qualquer modo, o fato é que vocês ironizaram meio pesado sobre o amigo bailarino, e ele, o ferroviário, se ofendeu! Foi assim?
COMISSÁRIO: É, eu imagino que tenha sido assim mesmo.
LOUCO: Se levantou abruptamente...
COMISSÁRIO: É, se levantou abruptamente...
LOUCO: E começou a gritar: "Chega! Não permito certas insinuações. Meu amigo é bailarino — tudo bem — enfia missanguinhas, é manco... mas é macho, pelo amor de Deus!" Disse isso e pulou para

o parapeito da janela, ameaçou *um pas-de-deux* e se atirou!

COMISSÁRIO: Ê, deve ter sido mais ou menos assim... mas eu não posso jurar. Eu lhe disse que tinha acabado de sair.

AGENTE: Mas eu estava aqui. Se vocês quiserem eu posso jurar!

LOUCO: Não, você, boca fechada!

DELEGADO: Porém, esse anárquico era suscetível, hem? Se atirar pela janela só porque deram uma gozada no amigo!

LOUCO: Ah, mas é porque tocaram em um ponto delicado. Os anarquistas prezam muitíssimo a virilidade! Mais do que qualquer um! Nuncaleu "Sexo e Anarquia" de Otto Weininger? Não? É m clássico.

DELEGADO: Mas se ofender por causa de um amigo com o qual, além de tudo, nem mantinha mais boas relações... Declarações textuais dele, não se esqueça. Até atirou um saleiro nele!

LOUCO: É mesmo. Ainda bem que você se lembrou disso! Portanto, não poderia estar irritado, nervoso.

DELEGADO: Não, não.

LOUCO: Aí o maquiavelismo... Então fingiu!

COMISSÁRIO: Fingiu?

LOUCO: Mas é claro! O espertinho encenou a farsa do ofendido até a morte para ter um pretexto lógico para o suicídio... Lógico para vocês, mas absurdo para os outros!

DELEGADO: Em que sentido "para os outros"?

LOUCO: Mas vocês não entenderam? Bancou o *kamikaze* para arruinar vocês! Ele se atira! Vocês, ingênuos, relatam os fatos como aconteceram... e ninguém acredita em vocês, salvo o amado conselheiro arquivista, naturalmente... Aliás, escutem só o que escreveu no seu decreto: "O *raptus* foi causado por 'orgulho ferido'!" E quem é que engole essa? Tem toda cara de mentira!

DELEGADO: Pois é, até parece piada.

LOUCO: E, assim, vocês se encontram perdidos por causa da própria sinceridade... e ele, o anarquista suscetível, lá na sua tumba dá risadinhas!

AGENTE: Que desgraçado! E não é que era um tipo que inspirava confiança?... Boa pessoa!

DELEGADO: Cala a boca! (O *agente fica mudo, escondendo-se em si mesmo, como um caramujo)* O senhor não vai se ofender, senhor juiz, se eu lhe disser que a sua versão do ferroviário *kamikaze*... não me convence muito.

COMISSÁRIO: Eu também tenho algumas reservas...

LOUCO: A mim não convence mesmo! Nem mesmo para filme policial de televisão seria aceito! É que eu estava tentando salvar a versão de vocês que é mais desastrosa ainda.

DELEGADO: *{Esfregando os braços)* Por favor, se incomoda se eu fechar a janela? De repente bateu um frio...

LOUCO: Claro, claro, ... está realmente fazendo frio!

COMISSÁRIO: É porque o sol acabou de se pôr!

O agente, a um sinal do comissário, vai fechar ajanela.

LOUCO: Mas então, naquela noite o sol não se pôs.

COMISSÁRIO: Como assim?

LOUCO: Estou dizendo, naquela noite que o anarquista se atirou, o sol permaneceu alto, não teve pôr-do-sol?

Os três policiais se olham atônitos.

DELEGADO: Não entendo.

O louco finge se irritar.

LOUCO: Se mesmo sendo dezembro, a janela — à meia-noite — ainda estava escancarada, quer dizer que não fazia frio... e se não fazia frio, era porque o pôr-do-sol ainda não tinha acontecido... Aconteceria mais tarde, à uma, como na Noruega em julho.

DELEGADO: Não, não, nós tínhamos acabado de abri-la... pra renovar um pouco o ar da sala, não foi?

COMISSÁRIO: É, tinha muita fumaça.

AGENTE: O anarquista fumava muito.
LOUCO: E vocês abriram os vidros, as venezianas também?
COMISSÁRIO: Ê, as venezianas também.
LOUCO: Em dezembro? À meia-noite, com o termômetro que desce pra baixo de zero, uma neblina que te deixa duro e branco...? "Quem bom, que bom, ar puro! Quem é que tem medo da pneumonia! ?" Vocês estavam de capote, pelo menos?
COMISSÁRIO: Não, de paletó.
LOUCO: Que esportistas!
COMISSÁRIO: Mas não fazia tanto frio, eu lhe asseguro!
DELEGADO: Não, não fazia frio...
LOUCO: Ah, é? Naquela noite, o serviço meteorológico deu para toda a Itália uma temperatura de fazer urso branco bater os dentes, e não se sentia frio... "primavera"! ... Onde vocês querem chegar? Um vento africano personalizado passa todas as noites por aqui ou é a "corrente do golfo" que vem pela "tumba de São Marcos" e passa, pelos canos, bem debaixo das casas, junto com o esgoto?!
COMISSÁRIO: Me desculpe, senhor juiz, mas não entendo. Pouco tempo atrás o senhor afirmou estar aqui justamente para nos agradar, e em vez disso, não faz outra coisa que duvidar de qualquer testemunho, gozar da nossa cara, nos atormentar.
LOUCO: Tudo bem, talvez eu exagere. Talvez eu coloque em dúvida em excesso...mas parece que se está diante de um daqueles jogos para deficientes e retardados que se lê nas revistas de passatempo: "encontrar os trinta e sete erros e contradições em que caiu o comissário Baciocchi Estupidão". E como é que posso ajudá-los? *(Os policiais se sentam, mudos e desolados.)* Tudo bem, tudo bem... não fiquem com essas caras de morte... Ânimo! Prometo que a partir deste momento não vou mais fazer gozação. Máxima seriedade! Deixemos pra lá os antecendentes...
DELEGADO: Sim, deixa pra lá...

LOUCO: ... e vamos ao fato real e verdadeiro: o pulo.
COMISSÁRIO: Isso.
LOUCO: O nosso anarquista, tomado pelo *raptus* — tentaremos depois encontrar, juntos, uma causa um pouco mais aceitável para aquele gesto louco —, se levanta abruptamente, toma impulso... Um momento, quem fez "escadinha" pra ele?
COMISSÁRIO: Como, "escadinha"?
LOUCO: Estou perguntando quem de vocês se colocou do lado da janela, com os dedos trançados na altura da barriga, assim, para que ele apoiasse o pé... e zam! Um lance que fez com que ele ultrapassasse o parapeito voando.
COMISSÁRIO: Mas o que é que o senhor está dizendo, senhor juiz? Está insinuando que nós...
LOUCO: Não, pelo amor de Deus, não se exalte... Perguntei assim... achei que como o pulo foi bastante grande, com tão pouco impulso, sem ajuda de outros... Não gostaria que alguém duvidasse...
COMISSÁRIO: Não tem nada pra se duvidar, senhor juiz, eu lhe asseguro... Fez tudo sozinho!...
LOUCO: Não tinha nem ao menos um pódium? Um daqueles de competição?
COMISSÁRIO: Não...
LOUCO: O homem do pulo talvez calçasse sapato com salto elástico, como os heróis das histórias em quadrinhos.
COMISSÁRIO: Não, nada de salto...
LOUCO: Bom, assim temos, de um lado, um homem com mais ou menos um metro e sessenta de altura, sozinho, sem ajuda, sem escada... Da outra parte, meia dúzia de policiais que, mesmo se encontrando a poucos metros — um, aliás, está junto da janela—, não conseguem intervir a tempo...
COMISSÁRIO: Mas foi tão de improviso...
AGENTE: E o senhor não tem idéia de como era ágil aquele demônio... eu só tive tempo de agarrá-lo por um pé.

LOUCO: Oh, estão vendo como a minha técnica de provocação funciona? O senhor agarrou-o pelo pé!
AGENTE: Foi, mas fiquei com o sapato na mão e ele caiu do mesmo jeito!
COMISSÁRIO: Correto, é irrefutável!
DELEGADO: *(Ao guarda)* Genial!
AGENTE: Agradeço-lhe, senhor dele...
DELEGADO: Cala a boca!

LOUCO: Um momento... tem qualquer coisa aqui que não vai. *(Mostra uma folha para o policial) O* suicida tinha três sapatos?
COMISSÁRIO: Três sapatos?
LOUCO: É, um teria ficado na mão do policial... Ele mesmo deu esse testemunho alguns dias depois da desgraça. *(Mostra a folha)* Olha aqui.
COMISSÁRIO: É, é verdade... Falou sobre isto com um jornalista do *Corriere delia Será.*
LOUCO: Mas aqui, neste papel anexo, se assegura que o anarquista moribundo no chão do pátio estava com os dois sapatos nos pés. Os presentes à cena são testemunhas, entre os quais um jornalista do *Unità* e outros jornalistas que estavam por ali!
COMISSÁRIO: Não entendo como possa ter acontecido...

LOUCO: Nem eu! A menos que o agente, muito veloz, tenha conseguido — precipitando-se escada abaixo — atingir o segundo andar, se debruçar pela janela antes que o suicida passasse voando, enfiar-lhe o sapato e subir como um foguete até o quarto andar, no mesmo instante em que o apressadinho alcançava o chão.
DELEGADO: Olha aí, está vendo, recomeça com a ironia!
LOUCO: Tem razão, é mais forte do que eu... me desculpe. Então, três sapatos... Por favor, vocês não se lembram se por acaso ele era trípede?
DELEGADO: Quem?
LOUCO: O ferroviário suicida... se por acaso tivesse três pés, é lógico que usasse três sapatos.
DELEGADO: *(Irritado)* Não, não era trípede.

LOUCO: Não se irrite, por favor... Sem contar que se pode esperar isso e muito mais de um anarquista!
AGENTE: Isso é verdade.
DELEGADO: Cala a boca!

COMISSÁRIO: õ, miséria, que problema! É preciso encontrar uma explicação plausível, se não...
LOUCO: Eu já encontrei!
DELEGADO: Vamos ver.

LOUCO: Ê essa: sem a menor dúvida um dos sapatos estava meio largo e, como não tivesse uma palmilha à mão, enfiou um outro pé de sapato, menor, antes de colocar o grande.
COMISSÁRIO: Dois sapatos no mesmo pé?
LOUCO: E o que é que tem de estranho nisso? Como as galochas, vocês se lembram? Aqueles sapatos de borracha que se usavam antes...
DELEGADO: Pois é, antes...
LOUCO: Mas tem quem use ainda... aliás, sabe o que eu acho? Que o que ficou na mão do agente não foi um sapato, mas uma galocha.
COMISSÁRIO: Não, é impossível. Um anarquista de galocha!... Coisa de gente antiga... de conservador.

LOUCO: Os anarquistas são muito conservadores...
DELEGADO: Ah, é, por isso matam os reis!
LOUCO: Claro, para poder conservá-los embalsamados... Se esperarem que os reis morram de velhice, engruvinhados, consumidos pelas doenças, aí se desfazem, se decompõem, não se pode mais conservá-los... Assim, mortos ainda frescos...
COMISSÁRIO: Por favor, senhor juiz, não insista em certos argumentos...
DELEGADO: Eu também não os aceito.
LOUCO: Mas vejam só, eu juraria que vocês são saudosistas mas não da monarquia... De qualquer jeito, se não engolem a galocha nem a história dos três sapatos...

Toca o telefone. Todos ficam imóveis. O comissário atende.

COMISSÁRIO: Me desculpem... Sim, fala... Um momento... *(Ao delegado)* Ê o guarda. Está dizendo que tem uma jornalista lá embaixo que está pergu' tando pelo senhor, delegado...

DELEGADO: Claro... eu tinha marcado um encon tro com ela hoje. Ê aquela do *Espresso* ou do *Eu ropeo,* não me lembro... Pergunta se se chama Feletti.

COMISSÁRIO: *(Falando ao telefone)* Se chama Feletti? *(Ao delegado)* Sim, Maria Feletti.

DELEGADO: Então é ela... queria uma entrevista. Peça a ela, por favor, para passar uma outra hora que hoje não tenho tempo...

LOUCO: Mas nem por sonho. Não admito que vocês tenham aborrecimentos por minha causa.

DELEGADO: Em que sentido?

LOUCO: Essa aí eu conheço. Ela tem força no meio, é capaz de pegar mal... Ê de uma suscetibilidade!... É capaz, por desforra, de fazer um daqueles artigos. .. Deixa entrar, por favor!

DELEGADO: E a investigação?

LOUCO: Pode esperar. Mas vocês não entenderam ainda que eu estou na mesma barca! Gente como ela, nós precisamos ter como amiga, e não inimiga! Sigam os meus conselhos.

DELEGADO: Tudo bem. *(Dirigindo-se ao comissário que está ao telefone)* Pode passar.

COMISSÁRIO: Acompanhe a moça até a minha sala. *(Abaixa o fone)*

DELEGADO: E o senhor, o que é que vai fazer? Vai embora?

LOUCO: Mas nem por sonho... Eu nunca abandono os amigos, principalmente no momento do perigo!

COMISSÁRIO e DELEGADO: Fica?

DELEGADO: E qual o seu papel? Quer que aquele urubu-jornalista descubra quem é o senhor, o que veio fazer? Para depois escrever uma página inteira de jornal? Confesse, então, que quer nos arruinar!

LOUCO: Não, não quero arruinar vocês... Fiquem tranqüilos. O urubu não vai saber jamais quem eu sou realmente.

COMISSÁRIO: Ah, não?

LOUCO: Não. Vou mudar de personagem... Pra mim é uma brincadeira de criança, acreditem-me. Psiquiatra, da seção criminal, diretor da Interpol, dirigente da técnica, a sua escolha... Se o urubu tentar colocar vocês em situação embaraçosa com alguma pergunta calhorda, vocês só precisam piscar um olho e eu intervenho... O importante é que vocês não se comprometam.

DELEGADO: O senhor é muito generoso, senhor juiz... *(Aperta sua mão, comovido.)*

LOUCO: Não me chame mais de juiz, pelo amor de Deus! A partir deste momento sou o capitão Marcantonio Banzi Piccinni, da técnica... Tudo bem?

COMISSÁRIO: Mas o capitão Banzi Piccinni existe realmente, é de Roma...

LOUCO: Justo. Assim, se a jornalista escrever alguma coisa que não gostarmos, será fácil demonstrar que inventou tudo... chamando o verdadeiro capitão Piccinni para testemunhar de Roma.

COMISSÁRIO: Mas o senhor é um gênio! Está mesmo disposto a representar o papel de capitão?

LOUCO: Não se preocupe, durante a última guerra fui capitão dos *bersaglieri.*

DELEGADO: Silêncio, ela chegou. *(Entra a jornalista)* Entre, por favor. Fique à vontade.

JORNALISTA: Bom-dia, o senhor delegado, por favor?

DELEGADO: Sou eu, muito prazer. Nós nos conhecemos só por telefone... Infelizmente.

JORNALISTA: Muito prazer. O agente lá do portão criou caso...

DELEGADO: Tem razão, por favor, nos perdoe. A culpa é minha que esqueci de avisar da sua visita. Apresento os meus colaboradores: cabo Pisani, o comissário responsável por esta seção...

JORNALISTA: Muito prazer.

COMISSÁRIO: O prazer é todo meu... senhorita *(Aperta a mão ao modo militar).*
JORNALISTA: Ai, que apertão!
COMISSÁRIO: Me desculpe...
DELEGADO: *(Indica o louco que está maquinando alguma coisa de costas)* ... e por último o capitão... capitão?!
LOUCO: ... Pronto... *(Aparece de bigode falso, uma venda preta sobre um olho e a mão coberta por uma luva marrom. O delegado está atônito e não consegue continuar. O louco se apresenta por si mesmo)* Capitão Marcantonio Banzi Piccinni da polícia técnica. Me perdoe a mão rígida, mas é de madeira, uma lembrança da luta na Argélia, ex-páraquedista da Legião Estrangeira... Mas se acomode, por favor.
DELEGADO: Quer beber alguma coisa?
JORNALISTA: Não, obrigada... Prefiro — se vocês não tiverem nada em contrário — começar imediatamente. Infelizmente tenho que entregar o artigo esta noite... Segue de carro esta noite.
DELEGADO: Tudo bem, como quiser. Podemos começar já. Estamos prontos.
JORNALISTA: Eu tenho muitas perguntas para fazer. *(Retira um bloco de notas e lê)* A primeira é para o senhor mesmo, comissário, e me perdoe se é um pouco provocatória... Se me permitem vou usar o gravador... Se vocês não tiverem nada em contrário... *(Extrai um gravador da bolsa.)*
COMISSÁRIO: Bem, realmente... nós...
LOUCO: Por favor, fique à vontade. *(Ao comissário)* Primeira regra: não contradizer jamais.
COMISSÁRIO: Mas se escapar alguma coisa... se quisermos desmentir, ela vai ter as provas...
JORNALISTA: Me desculpem, senhores, mas algo está errado?
LOUCO: *(Reagindo imediatamente)* Não, não, pelo contrário... O comissário estava tecendo-lhe elogios. Dizia que é uma mulher de grande coragem... democrática convicta, amante da verdade e da justiça. .. custe o que custar!
JORNALISTA: O doutor é muito generoso...
COMISSÁRIO: Pode começar.
JORNALISTA: Por que é que o chamam de Salta-janela?
COMISSÁRIO: Salta-janela? Eu?
JORNALISTA: É, ou também Comissário Salta-janela.
COMISSÁRIO: E quem é que me chama desse modo?
JORNALISTA: Eu tenho aqui comigo uma xerox da carta de um jovem anarquista, enviada do cárcere de São Vitório, no qual o rapaz se encontrava prisioneiro justamente nos dias da morte do nosso anarquista e que fala do senhor, comissário... e desta sala.
COMISSÁRIO: Ah, é? E o que é que diz?
JORNALISTA: *(Lendo)* O comissário do quarto andar, a bofetadas, me fez sentar na janela, a cavalo com as pernas dependuradas e daí começou a me provocar. "Se joga"... e me insultava... "Por que é que você não se joga?... Não tem coragem, hem? Acabe com isso! O que é que está esperando?" Saibam que precisei trincar os dentes para não sucumbir, para não perder o controle...
LOUCO: Ótimo, parece um roteiro de filme do Hitchcock.
JORNALISTA: Por favor, capitão. Eu fiz a pergunta ao diretor desta seção, não ao senhor... O que me responde? *(E aproxima o microfone da boca do comissário.)*
LOUCO: *(No ouvido do comissário)* Calma e indiferença!
COMISSÁRIO: Não tenho nada para responder... aliás, é a senhora que me deve responder. Com toda sinceridade, acha que eu tenha colocado também o ferroviário a cavalo?
LOUCO: Fecha a boca, não caia nessa. *(Cantarolando)* Urubu fora daqui... fora da minha casa...

JORNALISTA: Estou enganada ou o senhor, capitão, está querendo tumultuar?

CAPITÃO: Nada disso... foi só um comentário. Se me permite, eu lhe pergunto, senhorita Feletti, se nos confundiu com vendedores de sabão em pó... já que quer-, de qualquer maneira, nos ver fazendo a prova da janela com todo anarquista que cai nas nossas mãos!

JORNALISTA: Não tenho nada a dizer. O senhor é muito hábil, capitão.

COMISSÁRIO: Obrigado... me tirou da maior enrrascada... *(Dá-lhe um tapa nas costas.)*

CAPITÃO: Devagar com a mão, doutor... Meu olho é de vidro!! *{Indica a venda preta.*)

COMISSÁRIO: Olho de vidro?

LOUCO: E devagar também quando aperta minha mão. É postiça.

JORNALISTA: Ainda sobre janelas. Entre a papelada do decreto depositado pelo juiz arquivista, falta a perícia da parábola da queda.

DELEGADO: Parábola da queda?

JORNALISTA: É, a parábola da queda do pretenso suicida.

DELEGADO: E para que serve?

JORNALISTA: É para estabelecer se no momento do vôo pela janela o anarquista ainda estava vivo ou não. Se deu um pequeno impulso ou se caiu inanimado — como de fato resulta — escorregando pela parede; se foram produzidas fraturas ou lesões nos braços e nas mãos — como de fato não resulta — o que quer dizer que o pretenso suicida não pôs as mãos pra frente, pra se proteger no momento do impacto contra o chão, gesto normal e absolutamente intuitivo...

COMISSÁRIO: Mas não se esqueça que estamos diante de um suicida... Alguém que se joga porque quer morrer!

LOUCO: Ah, não quer dizer nada. Aqui tenho, infelizmente, que dar razão à senhorita... Como pode ver, eu sou objetivo. Foram feitas grandes experiências sobre o assunto. Foram escolhidos alguns suicidas, foram jogados para baixo e se notou que todos, no momento exato... traque... com as mãos pra frente!

DELEGADO: Ah, que belo apoio que nos dá... mas é louco?

LOUCO: Sou, quem foi que lhe contou?

JORNALISTA: Mas o particular mais desconcertante — sobre o qual agradeceria uma explicação — é a ausência, entre o material arquivado, da fita na qual foi gravada a hora exata do pedido de uma ambulância pelo telefone... Pedido esse efetuado pela telefonista da delegacia e que também, segundo o testemunho do motorista da ambulância, teria ocorrido aos dois minutos para a meia-noite. Entretanto, todos os jornalistas que correram para o pátio declararam que o pulo ocorreu à meia-noite e três minutos exatos... Em outras palavras, a ambulância foi chamada cinco minutos antes que o anarquista voasse pela janela. Algum de vocês me poderia explicar esse adiantamento estranho?

LOUCO: Bom, acontece com freqüência chamarmos a ambulância preventivamente... A gente nunca sabe... E em algumas vezes, como nesta, acertamos na mosca...

COMISSÁRIO: *(Dá-lhe um tapa nas costas)* Genial!

LOUCO: Cuidado com o olho... Vai acabar pulando pra fora!

DELEGADO: Por outro lado, não entendo qual a acusação que nos está querendo fazer. Por acaso é crime ser previdente? Adiantado três minutos... O que é isso? Para a polícia, antecipar-se é tudo!

COMISSÁRIO: E, além disso, estou convencido de que a culpa seja dos relógios. Os jornalistas deveriam estar com os relógios atrasados... isto é, adiantados...

DELEGADO: Ou talvez o relógio marca-tempo automático da central telefônica que aparece na gravação estivesse atrasado...

AGENTE: Claro, é mais que provável...

JORNALISTA: Uma estranha hecatombe dos relógios!!

LOUCO: Por que estranha? Não estamos na Suíça não... Aqui... cada um acerta o relógio como quiser... Uns preferem adiantar, um outro atrasa... Estamos num país de artistas, de individualistas terríveis, rebeldes às convenções...

COMISSÁRIO: Genial, formidável! *(Dá-lhe um grande tapa nas costas. Ouve-se o barulho de uma bolinha que repica no chão)*

LOUCO: Está vendo?! Eu não disse... fez meu olho de vidro pular pra fora!

COMISSÁRIO: *(De quatro, procurando o olho)* Me desculpe... Nós vamos encontrá-lo imediatamente...

LOUCO: Ainda bem que o tapa-olho segurou, senão sabe lá onde iria parar... Me desculpe, senhorita, do que é que estávamos falando?

JORNALISTA: Sobre o fato de estarmos num país de artistas rebeldes às convenções... Ê, o senhor tem razão, os juizes arquivistas, principalmente, são uns rebeldes. Deixam de recolher os testemunhos diretos, as fitas com a gravação dos horários, as perícias da queda, se esquecem de investigar o porquê de uma ambulância pedida antes... Ninharia! Somados os hematomas no pescoço do morto, cujas causas não são absolutamente claras.

DELEGADO: Cuidado, senhorita. Aconselho-a a não falar sem ter certeza... É perigoso...

JORNALISTA: É uma ameaça?

LOUCO: Não, não, senhor delegado... Não acho que a senhorita fale sem ter certeza... Certamente está se referindo a uma versão dos fatos que já ouvi contar em mais de uma ocasião... e que, estranhamente, saiu daqui mesmo, deste edifício.

DELEGADO: Do que se trata?

LOUCO: Comenta-se que durante o último interrogatório feito ao anarquista, um dos presentes, alguns minutos antes da meia-noite, teria perdido a paciência e dado um golpe com a mão no pescoço do anarquista citado... Fique calmo, doutor... Ele teria ficado semiparalisado. Além disso, estava muito mal, não conseguia respirar. Então chamaram a ambulância. Entretanto, na tentativa de reanimá-lo, se teria escancarado a janela e levado o anarquista até o parapeito, fazendo com que ele se debruçasse um pouco, para que o ar frio da noite conseguisse reanimá-lo! ... Dizem que foram dois a segurá-lo... e como sempre acontece nesses casos, um confiando no outro..; Eu seguro? Você segura? Patapum, foi pra baixo...

O comissário dá uns passos para frente, enfurecido, escorrega na bolinha de vidro. ..e se esborracha no chão.

JORNALISTA: Exatamente, isso mesmo.

DELEGADO: Mas ficou louco?

LOUCO: Sim, dezesseis vezes, delegado!

COMISSÁRIO: Santo Deus! No que foi que eu escorreguei?

LOUCO: No meu olho de vidro... no que mais? Tá todo sujo! Cabo, por favor, me traga um copo d'água para lavá-lo!

O cabo sai.

JORNALISTA: Vocês devem admitir que com essa versão se esclareceria uma série de mistérios. O porquê do pedido adiantado da ambulância, o porquê da queda do corpo inanimado... e até mesmo o porquê do termo curioso usado pelo Supremo Tribunal nas argumentações conclusivas.

LOUCO: Qual termo? Procure ser mais clara que eu já estou com dor de cabeça por outras razões!

JORNALISTA: O Supremo Tribunal declarou por escrito que a morte do anarquista deve ser considerada "morte acidental". Notem bem, acidente, e não suicídio, como vocês tinham dito. E há uma bela diferença entre os dois termos. Por outro lado, se quisermos, o drama, como foi exposto pelo capitão, poderia ser definido como um "acidente".

Nesse momento, entra o cabo, entrega o copo d'água ao louco que, absorvido pela história da

mulher, engole a bolinha de vidro como se fosse um comprimido.

LOUCO: Santo Deus! O olho! Engoli o olho... Bom, tomara que faça, pelo menos, passar a dor de cabeça.

DELEGADO: *(No ouvido do falso capitão)* Mas qual é o jogo agora?

COMISSÁRIO: *(Alternando-se ao delegado)* Não lhe parece que deu corda demais ao urubu? Está certa que nos encurralou!

LOUCO: Deixa comigo, por favor. (.4 *jornalista)* Muito bem, eu vou lhe demonstrar, senhorita, que esta última versão é completamente inadmissível.

JORNALISTA: Sei, inadmissível. Inadmissíveis como — para o juiz que arquivou o caso — são inadmissíveis os testemunhos dos aposentados.

LOUCO: O que é essa história de aposentados inadmissíveis?

JORNALISTA: Estranho que o senhor não esteja ao corrente! No decreto de arquivação, o juiz citado declarou incapazes as três testemunhas indicadas pelo nosso anarquista, que afirmavam ter passado a trágica tarde das bombas em um bar de Milão, jogando baralho com ele.

LOUCO: Testemunhas incapazes por quê?

JORNALISTA: Porque — sempre segundo o juiz arquivista — "se trata de pessoas anciãs, de saúde debilitada e, além disso, inválidas".

LOUCO: E escreveu assim no decreto também?

JORNALISTA: Escreveu.

LOUCO: Bom, tenho que dar razão a ele! Como se pode, objetivamente, pretender que um aposentado de uma certa idade, além do mais inválido de guerra ou de trabalho — à escolha — ex-operário (que se note bem: ex-operário), possa se encontrar com as qualidades psicofísicas mínimas exigidas pelo delicado exercício do testemunho?

JORNALISTA: Por que um ex-operário não pode? Me explique.

LOUCO: Mas a senhorita vive onde? Em vez de fazer matérias no México, Cambodja, Vietnã, por que não dá uma voltinha por Marghera, Piombino, Sesto San Giovani, Rho? A senhora faz uma idéia do que seja um operário? Quando chegam a se aposentar — e pelas últimas estatísticas cada vez chegam em menor número — quando alguém chega lá, foram espremidos como limão, uns vermes, com os reflexos reduzidos ao mínimo... Uns trapos!

JORNALISTA: Acho que o senhor está traçando um quadro desesperado demais.

LOUCO: Ah, é... e então vai dar uma olhada em qualquer bar onde aposentados jogam baralho. Vai ver como se insultam, se xingam a todo momento, uns aos outros. Nem se lembram mais das cartas do jogo! "Desgraçado, fui eu que joguei o sete-belo." "Não, você jogou na outra rodada, não nessa." "Que outra rodada o quê, se essa é a primeira partida que a gente tá jogando hoje... Você tá é gagá." "Gagá é você que devia segurar o sete como coringa e foi jogá-lo na mesa do vizinho." "Mas qual coringa? Dessa vez o coringa era, nada mais nada menos, que o rei! Você tá é ruim da cabeça!" "Quem, eu? Mas com quem é que você pensa que está falando?" "Não sei. E você?" "Nem eu."

JORNALISTA: Rá, rá, que exagero. Mas deixando de lado o prazer pelo grotesco... Devemos pôr a culpa neles, se se reduzem a isso?

LOUCO: Não, sem dúvida a culpa é da sociedade! Mas nós não estamos aqui para fazer um processo contra o capitalismo e os patrões. Estamos aqui para discutir sobre testemunhas mais ou menos capazes! Se alguém se reduz a um trapo porque foi explorado demais ou porque sofreu um acidente na fábrica, a nós — pessoas da ordem e da justiça — não deve interessar.

DELEGADO: Genial, capitão!

LOUCO: Não têm meios para conseguir vitaminas, proteínas, açúcares, gorduras, fosfato para a memória? Muito bem, pior pra você. Eu, como juiz, te

digo que não, sinto muito, mas está fora de jogo, é um cidadão de segunda classe.

JORNALISTA: Ah, está vendo, está vendo? Eu sabia que mais cedo ou mais tarde teria surgido o classismo, o discurso sobre os privilégios de classe!

LOUCO: E quem foi que defendeu o contrário? Sim, eu admito, é verdade, nossa sociedade é dividida em classes... mesmo no que diz respeito às testemunhas. Existem testemunhas de 1?, 2?, 3? e 4? categorias. Não é nunca uma questão de idade... Pode até mesmo ser mais velho que Noé e mais gagá que Josué... mas se acabou de chegar da sauna, ducha fria e ducha quente, massagem, fricção, lâmpadas a quartzo, camisa de seda, *foulard*, Mercedes seis lugares com motorista... quero ver se o juiz não te declara imediatamente capaz. Pra mim vai até beijar a tua mão. "Altamente capaz extra." Smack! E realmente, no processo do dique de Vajont — nome fictício, completamente inventado — os poucos que se deixaram apanhar, já que os outros fugiram, advertidos sabe-se lá por quem! ... — aqueles cinco ou seis engenheiros, como eu dizia, para ganhar alguns milhões a mais, eliminaram por volta de dois mil cidadãos, afogados em uma noite. Mesmo sendo mais velhos que os nossos aposentados de Milão, quando depuseram diante do juiz, não foram absolutamente considerados incapazes, pelo contrário, foi-lhes conferida a maior confiança! Pensa que é fácil? Pra que é que se tira um diploma? Para ser tratado em pé de igualdade com um aposentado que não tem onde cair morto? E ainda dizem que os italianos não respeitam a própria moeda! Há quem diga que, antes do depoimento dos acionistas acima citados, o escrivão não tinha sequer exigido a recitação em voz alta da fórmula clássica: "Juro dizer a verdade, toda a verdade, etc, etc". Parece que só disse: "Se acomode, engenheiro-chefe, diretor das construções hidráulicas Sade, e o senhor também, engenheiro-projetista e consulente ministerial, ambos acionistas da Sade citada acima, com

capital de 160 milhões, capital inicial totalmente depositado, se acomodem. Nós ouvimos vocês e acreditamos em vocês". Aí, solenemente, os juizes ficaram em pé, e com a mão direita bem em evidência sobre o evangelho, todos em coro, declararam: "Juramos que vocês vão dizer a verdade, toda a verdade, nada mais que a verdade. Juramos!"

O louco-capitão sai detrás da escrivaninha e se descobre que tem uma perna de madeira, tipo de pirata. Todos estupefatos olham para ele. O capitão comenta imperturbável:

LOUCO: Vietnã, boinas-verdes... tristes lembranças! Mas não falemos mais nisso, coisa do passado!

Aporta se abre, aparece o comissário Bertozzo. Está com um olho vendado.

BERTOZZO: Me desculpem, atrapalho?

DELEGADO: Venha, venha, doutor Bertozzo... Se acomode.

BERTOZZO: Tenho só que deixar isto *(Mostra uma caixa de metal).*

DELEGADO: Do que se trata?

BERTOZZO: É *o fac-simile* da bomba que explodiu no banco...

JORNALISTA: Oh, meu Deus!

BERTOZZO: Não se preocupe, senhorita, está desativada.

DELEGADO: Está bem, agora seja bonzinho... apoie a caixa ali... e estenda a mão ao seu colega... o senhor também, comissário... Venha até aqui e façam as pazes.

BERTOZZO: Mas paz por quê, senhor delegado... se eu ao menos soubesse o que é que ele tem contra mim pra me acertar o olho...

O delegado lhe dá uma cotovelada.

COMISSÁRIO: Ah, não sabe é? E apernáquia?

BERTOZZO: Qual pernáquia?

DELEGADO: Chega... tem estranhos.

LOUCO: Justamente...

BERTOZZO: Mas, delegado, eu só queria saber o que foi que deu nele... entrou e sem nem me dizer boa-noite...pom!

LOUCO: É, pelo menos podia dizer "boa-noite". Nisso ele tem razão!

BERTOZZO: Estão vendo... Me desculpe, mas o senhor... o seu rosto me parece familiar.

LOUCO: Vai ver que é pela venda (que nós dois temos) no olho.

Coro (Risada) Rá, rà!

BERTOZZO: Não, não, brincadeiras aparte...

LOUCO: Me permita, sou o capitão Marcantonio Banzi Piccinni... dá técnica.

BERTOZZO: Piccinni? Mas não... não é possível... eu conheço o capitão Piccinni.

DELEGADO: *(Dá-lhe um chute)* Não, o senhor não o conhece.

BERTOZZO: Não conheço? ... Mas está brincando?...

COMISSÁRIO: Não, não o conhece (*Chute).*

BERTOZZO: Escuta, não vai recomeçar...

DELEGADO: Deixe as coisas como estão... *(Chute.)*

BERTOZZO: Mas foi meu companheiro de curso... *(Recebe um chute do capitão também).*

LOUCO: Mas se te estão dizendo pra deixar as coisas como estão! *(E lhe dá um coque.)*

BERTOZZO: Ei, espera aí!

LOUCO: *(Indicando o comissário)* Foi ele.

O delegado arrasta-se para o lado, na direção da jornalista.

DELEGADO: Me permita, comissário, gostaria de lhe apresentar a senhorita... depois te explico... senhorita Feletti, jornalista. Entendeu agora? *(Coto-velada.)*

BERTOZZO: Prazer, comissário Bertozzo... Não, não entendi *(Chute do delegado, chute do capitão que começa a gostar da brincadeira e dá um chute no delegado também. Ao mesmo tempo, dá um tapa na nuca do Bertozzo e do comissário. Bertozzo, convicto de que tenha sido o comissário esportivo)* Está vendo, senhor delegado, é sempre ele que começa!...

Para terminar, o louco dá um tapa no traseiro dajornalista e indica o delegado.

JORNALISTA: O que é isso? Isso são modos?

DELEGADO: *(Pensando que aludisse ao bate-boca)* Tem razão, mas não sei como explicar... Bertozzo, pare com isso e me ouça! A senhorita veio para uma entrevista muito importante, entendeu? *(Chute, pisca o olho para ele.)*

BERTOZZO: Entendi.

DELEGADO: Pronto, senhorita, se quiser fazer alguma pergunta também a ele... O comissário é, além do mais, um *grande expert* em balística e explosivos.

JORNALISTA: Ah, sim, me tire uma curiosidade... Disse que naquela caixa está um *fac-simile* da bomba ao banco.

BERTOZZO: Bom, *fac-simile* muito aproximado, já que todas as peças originais foram perdidas. A senhorita entende...

JORNALISTA: Mas uma bomba foi salva, sem explodir...

BERTOZZO: É, a do Banco Comercial...

JORNALISTA: Me explique por que, em vez de desmontá-la e entregá-la à técnica, como de hábito — para que a examinassem detalhadamente —, aqueles que a acharam correram imediatamente para um local, enterraram a bomba e fizeram com que explodisse?

BERTOZZO: Me desculpe, por que me está perguntando?

JORNALISTA: O senhor sabe melhor do que eu o porquê, comissário. Desse modo, além da bomba, se destruiu a assinatura dos assassinos...

LOUCO: É verdade. De fato, se diz "diga-me como fabricas uma bomba, e eu te direi quem és".

BERTOZZO: Ah, não! Aquele ali não é o Piccinni.

O louco passa a mão na caixa da bomba.

DELEGADO: Mas claro que não é! Fique quieto!

BERTOZZO: Ah, não me parecia mesmo. E quem é? *(Recebe o enésimo chute.)*

LOUCO: Se o comissário Bertozzo me permite, na qualidade de dirigente da polícia técnica...

BERTOZZO: Quem é que você pensa que está enganando? O que está fazendo? Largue essa caixa, por favor... é perigoso!

LOUCO: *(Dá-lhe um chute)* Sou da técnica... Chega pra lá.

DELEGADO: Mas entende realmente disso?

O louco olha para ele com desprezo.

LOUCO: Veja, senhorita, uma bomba do gênero é tão complexa... olhe a quantidade de fios, dois detonadores... o marcador de tempo... o *trapelm* da partida, botões, botõezinhos... é tão complexa, como estava dizendo, que é também possível que esconda um duplo engenho, de explosão retardada, sem que ninguém o encontre, a menos que desmonte a bomba toda, peça por peça, e seria necessário um dia inteiro, acredite em mim... e no entanto bum!

DELEGADO: *(A Bertozzo)* Parece um técnico de verdade, o que você acha?

BERTOZZO: *(Teimoso)* Parece, mas não é o Piccinni...

LOUCO: Eis por que se preferiu perder a assinatura do assassino, como a senhorita falou... e fazer a bomba explodir em um lugar qualquer, em vez de se correr o risco de ver essa bomba explodir em meio às pessoas, em um massacre ainda mais horrível que o primeiro... Convencida?

JORNALISTA: Sim, desta vez o senhor me convenceu mesmo.

LOUCO: Consegui convencer até a mim mesmo.

COMISSÁRIO: Eu também me convenci. Genial. Foi uma grande sacada. *(Prende sua mão e aperta-a com força. Sobra-lhe a mão de madeira entre os dedos.)*

LOUCO: Olha aí, me desparafusou a mão. Eu tinha lhe dito que era de madeira!

COMISSÁRIO: Me desculpe.

LOUCO: Agora só sobrou a perna para o senhor desparafusar. *(Dizendo isso, parafusa novamente a mão.)*

DELEGADO: *(Ao Bertozzo)* Diga alguma coisa também, Bertozzo. Mostre que na nossa seção não se dorme. *(Dá-lhe um tapinha de encorajamento nas costas.*)

BERTOZZO: Certo. A bomba verdadeira era muito mais complexa. Eu a vi. Muito mais complexa do que essa. Obra, sem dúvida, de técnicos de grande gabarito... profissionais, como se diz.

DELEGADO: Vai devagar!

JORNALISTA: Profissionais? Militares, talvez?

BERTOZZO: Ê mais do que provável. *(Todos os três, juntos, lhe dão um chute.)*

DELEGADO: Desgraçado...

BERTOZZO: Ahia! Por quê, o que foi que eu disse?

JORNALISTA: *(Terminou de fazer as anotações)* Bom, bom, quer dizer que vocês, mesmo estando conscientes do fato de que para fabricar — sem se falar do manejo — bombas do gênero fossem necessárias perícia e experiência de profissionais — de preferência militares; mesmo considerando tudo isso, quero dizer, vocês se jogaram com tudo sobre um único grupelho minguado de anarquistas, deixando que todas as outras pistas se perdessem... Ê inútil que eu fique aqui a especificar cores e partidos!

LOUCO: Claro, se a senhorita se prender à versão do Bertozzo que, porém, não pode ser levada a sério... porque ele não é um técnico de explosivos de verdade... se interessa, por assim dizer, por *hobby*!

BERTOZZO: *(Ofendido)* Mas que *hobby* o quê? Como eu não entendo? ... Mas o que é que o senhor sabe? ... Quem é o senhor? *(Se dirigindo aos dois policiais)* Quem é... Vocês querem me dizer? (Mais *chutes, obrigam -no a se sentar.)*

DELEGADO: Quietinho!

COMISSÁRIO: Fiquem calmos...

JORNALISTA: Se acalme, comissário... fique tranqüilo. Eu tenho certeza que tudo o que disse é ver-

dade, assim como é verdade que a polícia toda e a magistratura correram a incriminar — me empreste a palavra — a mais louca e patética turminha de desencontrados que se possa imaginar! O grupo de anarquistas que tinha como chefe o bailarino!

DELEGADO: Tem razão, são desencontrados, mas essa era a fachada que fabricaram justamente para não dar na cara.

JORNALISTA: Realmente, por detrás da fachada, sabe o que se escondia? Que, entre dez do bando, dois eram de vocês: dois informantes, ou melhor, espiões e provocadores. Um é um fascista romano, conhecido por todo mundo, menos pelo grupo dos coitados; o outro, um seu agente da segurança pública, disfarçado ele também de anarquista.

LOUCO: Quanto ao agente disfarçado de anarquista, não entendo como puderam acreditar nele! Eu o conheço, é tão esperto que se você pergunta pra ele o que é Bakunin, responde que é um queijo suíço, sem furos!

BERTOZZO: Ai que raiva que me dá quem sabe tudo, conhece todo mundo... E eu conheço aquele ali...

DELEGADO: Não estou absolutamente de acordo com o senhor, capitão. Aquele nosso agente-espião é, ao contrário, um ótimo elemento. Muito preparado!

JORNALISTA: E vocês têm muitos outros agentes-espiões muito preparados disseminados por aí, pelos vários grupinhos extraparlamentares?

LOUCO: *(Canta)* "O urubu vai embora..."

DELEGADO: Não me sinto constrangido em lhe revelar que sim, temos muitos espalhados por todos os cantos!

JORNALISTA: Uau, agora o senhor esá blefando, delegado!

DELEGADO: Nada disso... esta noite mesmo, entre o público, é preciso dizer... temos alguns, como sempre... Quer ver? *(Bate palma.)*

Ouvem-se vozes vindas da platéia, de pontos diversos.

VOZES: Sim, doutor! Quais são as instruções? Ãs suas ordens!

O louco ri e se dirige ao público.

LOUCO: Não se preocupem, esses são atores... Os de verdade estão por aí, de boca fechada, sentados.

DELEGADO: Viu? Fiquem à vontade! Os informantes e os espiões são a nossa força.

COMISSÁRIO: Servem para a prevenção, para manter o controle...

LOUCO: Provocar atentados para que se possa, depois, ter um pretexto para reprimir. *(Os policiais se viram todos juntos)* Quis adiantar o comentário, mais que óbvio, da senhorita.

JORNALISTA: Justamente, mais que óbvio! De qualquer jeito, como é que, mesmo tendo sob controle cada componente daquele grupinho de coitados, eles teriam conseguido organizar um golpe tão complexo, sem que vocês os bloqueassem?

LOUCO: Cuidado que agora o urubu vai dar a bicada!

DELEGADO: É que naqueles dias o nosso agente-espião estava ausente do grupo...

LOUCO: Ê verdade. Até trouxe uma justificação assinada pelos pais (é verdade)!

COMISSÁRIO: Por favor... *(Em voz baixa)* senhor juiz...

JORNALISTA: Mas e o outro informante, o fascista? Ele estava lá, não estava? ... Tanto é que o juiz de Roma sustenta que ele seja o principal responsável, o organizador e mandante. Teria se valido — é o que o juiz declarou — da estultice dos anarquistas para fazer com que eles levassem a cabo um atentado do qual, certamente, nem suspeitavam o *status* criminal. São sempre palavras e convicções do juiz, entenda-se.

LOUCO: Plaft!... O urubu aterrisou!

DELEGADO: Só que deve considerar que o tal fascista de quem a senhorita está falando não é realmente nosso informante.
JORNALISTA: Como não, se era freqüentador assíduo da polícia, especialmente da seção de política em Roma?
DELEGADO: É a senhorita que está dizendo... Não sei de nada.
LOUCO: *{Oferecendo a mão ao delegado)* Grande, ótima defesa!

O delegado aperta-lhe a mão, que sobra entre os dedos.

DELEGADO: Obrigado!... Mas a sua mão... Sinto muito!
LOUCO: *(Indiferente)* Pode ficar com ela, eu tenho outra! *(Aparece com uma outra, de mulher)*
COMISSÁRIO: Mas é de mulher!
LOUCO: Não, é unissex. *(Parafusa a mão.)*
JORNALISTA: *(Que nesse meio tempo extraiu umas folhas de uma pasta)* Ah, não sabe de nada? E não sabe também que entre 173 atentados à bomba ocorridos até hoje — 12 por mês, um a cada 3 dias —, entre 173 atentados, como eu dizia *(Lendo em um documento),* se descobriu que cerca de 102 foram certamente organizados por fascistas, e que existem sérios indícios de que mais da metade dos 71 restantes se trata de atentados montados por fascistas ou então por organizações paralelas?
LOUCO: *(Gesticulando com a mão aberta, sob o queixo)* Tremenda!

DELEGADO: É, um mínimo comprobatórias as cifras são... O que o senhor acha, doutor?
COMISSÁRIO: Precisaria verificar, mas a grosso modo me parece que coincidem com as nossas.
JORNALISTA: Perfeito, se tiver oportunidade, procure verificar também quantos desses atentados foram organizados com a intenção de responsabilizar os grupos de extrema-esquerda e fazê-los passar por suspeitos.
COMISSÁRIO: Bom, quase todos... é óbvio.

JORNALISTA: É, é óbvio... E quantas vezes vocês caíram, ingenuamente ou não?
LOUCO: *(Sempre passando a mão de mulher em torno do rosto)* Malvada!
DELEGADO: Não seja por isso. Muitos sindicalistas e alguns dirigentes do PCI também caíram nessa, ingenuamente ou não... Olhe, eu tenho aqui um artigo de *L'Unità* que os acusa de "esquerdismo voluntarista e aventureiro"... por causa de um ato de vandalismo. Descobriu-se depois que os subversivos acusados não tiveram a menor culpa.
JORNALISTA: Conheço o artigo. Foi um jornal da direita que espalhou isso por aí, aquela notícia... com o seguinte título: "Choque de extremos opostos", que funciona sempre. Com vocês também!
LOUCO: Víbora.

BERTOZZO: Eu conheço aquele ali. Vou já já arrancar aquela venda!
LOUCO: *(Intervindo irônico)* Mas o que é que esta esperando, senhorita, com essas provocações evidentes? Que lhe respondamos admitindo que se algumas vezes, nós da polícia, em vez de nos perdermos atrás de quatro anarquistas desarvorados, nos preocupássemos em seguir seriamente outras pistas mais atendíveis — tipo organizações paramilitares e fascistas financiadas por industriais, dirigidas e apoiadas por militares gregos e vizinhos — talvez se encontrasse o fio da meada?

DELEGADO: *(Ao Bertozzo, que resmunga)* Não se preocupe... Agora ele vira a omelete de uma só vez. É sua técnica, já conheço! Dialética jesuítica!
LOUCO: Se está pensando assim, eu lhe direi que sim... Tem razão... Se tivéssemos caminhado por outra estrada, teríamos descoberto umas boas!! Rá, ráü
BERTOZZO: Viva a dialética jesuítica!
DELEGADO: Mas ficou louco?
BERTOZZO: *(Iluminando-se)* Louco? *(Dá um pulo)* O louco... é sim, é ele!! É ele!

JORNALISTA: Devo confessar que essas afirmações ouvidas de um policial... posso lhe assegurar... são desconcertantes.
BERTOZZO: *(Puxando o delegado pela manga)* Senhor delegado, descobri quem é aquele ali. Eu o conheço.
DELEGADO: Muito bem, guarde para o senhor. Não saia por aí contando. *(Deixa Bertozzo às moscas e se aproxima do louco e dajornalista.)*
BERTOZZO: *(Puxa o comissário esportivo de lado)* Eu juro que conheço aquele ali... Nunca foi da polícia. Está disfarçado.
COMISSÁRIO: Eu sei, você não está me dizendo nenhuma novidade. Mas não deixe que a jornalista o ouça.
BERTOZZO: É um maníaco... não entende?
COMISSÁRIO: Você é que é um maníaco que não me deixa ouvir nada do que estão dizendo. Fique quieto!
LOUCO: *(Que continuou conversando animadamente com os dois e prossegue)* Claro, a senhorita é jornalista e um escândalo desse gênero acabaria conosco sem dúvida... Ficaria meio mal descobrir que o massacre de inocentes no banco tinha servido unicamente para escantear as lutas do outono quente... criar a tensão necessária para fazer com que os cidadãos desgostosos, indignados com tanta criminalidade subversiva, eles mesmos pedissem pelo advento de um Estado forte!
COMISSÁRIO: Não sei se li isso *em L'Unità* ou em *Lotta Continua.*
BERTOZZO: *(Se aproxima do louco pelas costas e arranca-lhe a venda)* Vocês viram só, ele tem olho, ele tem olho!
DELEGADO: Mas o que é isso, enlouqueceu? Ê claro que tem! E por que não deveria ter?
BERTOZZO: E então, por que é que usa venda, se tem olho?
COMISSÁRIO: Mas você também tem um olho tapado com uma venda... e ninguém arranca! *(Arrasta-o pro lado)* Fica bonzinho que eu explico depois.

JORNALISTA: Oh, que gozado, a venda era charme?
LOUCO: Não, é pra não dar na vista. *(Ri.)*
JORNALISTA: Rá, rá... essa é boa. Mas continue, me fale um pouco do escândalo que teria acontecido.
LOUCO: Ah, sim... um grande escândalo... muitas prisões na direita, alguns processos... um monte de grandões comprometidos... senadores, deputados, coronéis... os sociais-democratas chorando, o *Corriere delia Será* muda de diretor... a esquerda pede que os fascistas sejam considerados fora da lei... o diretor da polícia será elogiado pela operação corajosa. .. depois de algum tempo é aposentado.
DELEGADO: Não, capitão... essas são ilações... devo dizer... um pouco gratuitas...
JORNALISTA: Desta vez estou de acordo com o senhor, delegado. Acho que um escândalo do gênero serviria para dar prestígio para a polícia. O cidadão teria a sensação de viver em um Estado melhor, com uma justiça um pouco menos injusta...
LOUCO: Mas é claro... e seria mais que suficiente! O povo pede por uma justiça verdadeira? Nós fazemos com que se contente com uma um pouco menos injusta... Os trabalhadores gritam "basta com a vergonha da exploração bestial". Nós vamos fazer de tudo para que seja um pouco menos bestial e nos preocuparemos, sobretudo, para que não se envergonhe mais. Mas permanecerão explorados como sempre... Gostariam de não mais morrer na fábrica? Lhes daremos alguma proteção a mais, algum prêmio a mais para a viúva. Gostariam de ver as classes eliminadas... e nós faremos com que não exista mais essa grande diferença, ou melhor, que não dê muito na vista! Gostariam de uma revolução... e nós lhe daremos reformas... muitas reformas... vão se afogar em meio a tantas reformas, ou melhor, vamos afogá-los de promessas de reformas, porque nem mesmo essas serão cumpridas jamais!!

COMISSÁRIO: Sabe de quem estou me lembrando? O Marrone... aquele juiz que está sob processo por vilipendio à magistratura.

DELEGADO: Não, não, este é pior, é completamente louco.

BERTOZZO: É claro que é louco... Faz uma hora que estou dizendo!

LOUCO: Está vendo? Não interessa ao cidadão médio que as porcarias desapareçam... não, para ele basta que sejam denunciadas, estoure o escândalo e que ele possa falar disso... Para ele é essa a verdadeira liberdade e o melhor dos mundos, aleluia!

BERTOZZO: *(A/errando a perna de madeira do louco e sacudindo-a)* Olhem só essa perna aqui... Não estão vendo que é postiça?

LOUCO: Claro que é... de nogueira, para ser mais exato.

DELEGADO: Todos nós já sabíamos.

BERTOZZO: Mas não passa de um truque, está amarrada ao joelho! *(Rapidamente começa a desfazer os laços)*

COMISSÁRIO: Irresponsável... larga dele! O que você está querendo? Desmontá-lo?

LOUCO: Não, deixa ele me soltar... obrigado... Eu já estava com a coxa formigando toda.

JORNALISTA: Mas por que é que vocês me interrompem sempre? Pensam que conseguirão diminuí-lo aos meus olhos só pelo fato de não ter a perna de madeira?

BERTOZZO: Não, é para demonstrar que é um meliante, um "hipocriptomaníaco" que nunca foi mutilado ou capitão...

JORNALISTA: E quem é então?

BERTOZZO: Simplesmente...

Delegado, agente e comissário se precipitam, tapando-lhe a boca e arrastando-o para longe.

DELEGADO: Me desculpe, senhorita, mas querem falar com ele ao telefone.

Bertozzo é jogado em uma cadeira, com o fone na boca.

COMISSÁRIO: *{Falando-lhe ao ouvido)* Você quer nos arruinar, seu irresponsável?

Do lado direito, jornalista e capitão continuam a conversar sem prestar atenção ao grupo de policiais.

DELEGADO: Não entende que deve permanecer em segredo? Se a senhorita vier a descobrir a contra-investigação, estamos arruinados!

BERTOZZO: Qual contra-investigação? *{Colocam de novo o fone na sua boca)* Alô?

COMISSÁRIO: E ainda me pergunta? Mas então por que é que você estava arrotando que sabia de tudo, se não sabia de nada? Fala, fala, faz confusão...

BERTOZZO: Não, eu não faço confusão... Eu quero saber...

DELEGADO: Cala a boca! *{Dá um golpe com o fone na sua mão)* Telefona e basta!

BERTOZZO: Ai, ai... alô, quem está falando?

JORNALISTA: *{Que durante todo esse tempo conversava com o falso capitão)* Oh, que divertido! Senhor delegado, não precisa se preocupar mais. O capitão..., isto é, o ex-capitão me contou tudo!

DELEGADO: O que foi que ele contou?

JORNALISTA: Quem é realmente!

COMISSÁRIO E DELEGADO: Você contou pra ela?

LOUCO: Contei. Não podia continuar mentindo... a essas alturas... já tinha intuído sozinha.

DELEGADO: Pelo menos fez com que ela prometesse não escrever nada no jornal?

JORNALISTA: Mas é claro que vou escrever! *{Lê as anotações)* Ouçam: "No prédio da polícia encontro um bispo a paisana!"

COMISSÁRIO e DELEGADO: Um bispo?

LOUCO: É, me desculpem se escondi de vocês também. *{E com muita naturalidade vira o colarinho ao avesso que se transforma em um clássico colarinho religioso, com peitilho preto.)*

BERTOZZO: *(Dando um tapa na testa)* Agora bispo? Vocês não acreditam, não é?

0 comissário passa a mão em um grande carimbo e enfia na sua boca.

COMISSÁRIO: Agora encheu de vez!

0 louco tira um barrete vermelho e o coloca na cabeça com movimentos austeros e estudados; abre o botão do paletó, deixando à mostra uma cruz barroca de ouro e prata e, por último, enfia um anelzão com uma pedra roxa enorme.

LOUCO: Permitam-me me apresentar. Padre Augusto Bernier, designado pela Santa Sé observador de coligação junto à polícia italiana. *(Oferece o anel para ser beijado ao agente que, mais do que depressa, corre guloso.)*

BERTOZZO: *(Dá alguns passos para a frente, se livrando por alguns momentos da sua chupeta)* Coligação com a polícia?

LOUCO: Depois da atiração de pedras a que se referiu o Santo Padre, tanto na Sardenha como ultimamente no Castelo Gandolfo, o senhor me entende, é meu dever — como enviado responsável pela Igreja — prevenir... manter contatos...

BERTOZZO: Ah, não e não! Essa é demais. Só faltava o bispo-policial!

O comissário enfia novamente a chupeta na boca de Bertozzo e arrasta-o para longe.

COMISSÁRIO: Mas nós já sabemos que é tudo mentira! ... Mas ele se fez passar por bispo justamente para nos salvar... Entende?!

BERTOZZO: Para nos salvar? Foi atacado por uma crise mística? A salvação da alma, etc?

COMISSÁRIO: Pára com isso e beija o anel! *(Obriga-o a aproximar a boca da mão do louco que, nesse meio tempo, naturalmente, sem imposição, constringe todos ao ato de submissão.)*

BERTOZZO: Não, pelo amor de Deus! O anel, não! Me recuso! Vocês parecem todos loucos! Ele contagiou vocês!

Extremamente velozes, o comissário e o agente conseguem tiras de esparadrado que são aplicadas, sem muita história, sobre os lábios de Bertozzo, e chegam a cobrir a metade da cara, do nariz para baixo.

JORNALISTA: Mas o que deu nele, coitadinho?!

LOUCO: Uma crise... acho. *(Aparece com um breviário, uma seringa e se prepara para aplicar a injeção).* Segurem-no, isso vai lhe fazer bem na certa... é um calmante beneditino.

DELEGADO: Beneditino?

LOUCO: É, ervas calmantes em ampola! *(Rápido como uma serpente, aplica-lhe a injeção; em seguida extrai a seringa e a observa)* Ainda sobrou um pouco... O senhor não quer provar? *(Sem esperar resposta, espeta-lhe com a agilidade de um toureiro.)*

Reclamação sufocada do delegado.

JORNALISTA: O senhor pode não acreditar, eminência, mas quando há pouco discursava a propósito dos escândalos — "é sempre o melhor dos modos... aleluia!" Eu imediatamente pensei... me perdoe a irreverência...

LOUCO: Por favor...

JORNALISTA: Disse: "Epa, que conversa de padre!" Não se ofendeu, não é verdade ?

LOUCO: E por que deveria me ofender? É verdade, fiz um verdadeiro discurso de padre... que sou. *(Bertozzo com um pincel escreveu atrás do retrato do "presidente": "É um mitômano, um louco", e mostra o quadro, permanecendo atrás do bispo)* Aliás, São Gregório Magno tinha acabado de ser eleito pontífice quando descobriu que se tentava — através de tráfico de influências e manipulações várias — cobrir escândalos graves. Enfurecido se pôs a gritar a famosa frase: "Nolimus aut velimus, omnibus gentibus, justitiam e veritatem...".

JORNALISTA: Por favor, eminência... fui reprovada três vezes em latim...

LOUCO: Ah, sim, em poucas palavras diz: "Queira ou não queira, a justiça e a verdade serão im-

postas por mim. Farei o impossível para que os escândalos explodam de modo clamoroso, e não temeis se na podridão for submersa toda a autoridade. Será bem-vindo o escândalo, porque sobre ele se fundamenta o poder mais duradouro do Estado".

JORNALISTA: Extraordinário... O senhor poderia escrever a frase por inteiro... aqui?

O louco se prepara para anotar a frase no bloco da jornalista — evidentemente uma adaptação da de São Gregório. Enquanto isso, o comissário tirou das mãos do colega o cartaz com o retrato do presidente, rasgando-o.

DELEGADO: *(Agredindo-o)* Mas o que é que você fez? Rasgou o retrato do presidente? Mas não sabe que é crime? O que foi que te deu?

COMISSÁRIO: Mas, doutor, aquele ali escreve cada coisa...! *(Indica Bertozzo.)*

DELEGADO: Eu até concordo com o senhor quanto à sua mania de escrever mensagens melodramáticas ao povo... mas não era realmente o caso de reduzi-lo a tiras... Se envergonhe disso!

A jornalista — atrás dele — acompanha o bispo e considera atentamente o significado da frase de São Gregório.

JORNALISTA: Em poucas palavras, o que permanece é o escândalo. Mesmo quando não existe, seria preciso inventá-lo, porque é um meio extraordinário para se manter o poder, descarregando a consciência dos oprimidos.

LOUCO: Exato! A catarse liberatória de qualquer tensão... E vocês jornalistas independentes são sacerdotes beneméritos nisso.

JORNALISTA: Beneméritos? Bom, não certamente para o nosso governo que entra em agitação e corre como louco para sufocar, cada vez que nós descobrimos um escândalo.

LOUCO: Ficam agitados porque nosso governo é ainda da época dos Bourbon... pré-capitalista... mas observe os evoluídos... do tipo do norte da Europa... A senhorita se lembra do escândalo "Profumo" na Inglaterra? O ministro envolvido em um círculo de prostitutas, drogas, espionagem...!! Caiu, por acaso, o Estado? A Bolsa? Nada disso; pelo contrário, Bolsa e Estado nunca estiveram tão fortes como depois daquele escândalo. As pessoas pensavam: "É, a podridão existe, mas sempre vem à tona...". Nós nadamos nela e até mesmo bebemos dela, mas ninguém vem nos dizer que é água com açúcar! E isso é o que conta!

DELEGADO: Não! Seria o mesmo que dizer que o escândalo é o adubo da social-democracia!

LOUCO: Justamente! Disse-o bem! O escândalo é o adubo da social-democracia! Diria mais: o escândalo é o melhor antídoto contra o pior veneno que é a tomada de consciência pelo povo. Se o povo toma consciência, estamos perdidos! De fato, os Estados Unidos, um país realmente social-democrata, alguma vez censuraram fatos que diziam respeito às chacinas do Vietnã? Muito pelo contrário, saíram fotos, em todos os jornais, de mulheres degoladas, crianças massacradas, vilas destruídas. Vocês se lembram do escândalo do gás do nervo? Foi fabricado nos Estados Unidos em quantidade suficiente para destruir três vezes a humanidade inteira. E, nesse caso, foi feita alguma censura? Nem por sonho! Pelo contrário! Era ligar a televisão para ver uma fila de trenzinhos. "Para onde estão indo os trenzinhos? Para o mar! E o que é que há naqueles trenzinhos? Gás do nervo! Vão ser descarregados a poucos quilômetros da costa!" Assim, se acontece um pequeno terremoto ou um maremoto, as caixas se rompem, o gás, gluglu, vem à tona, e morremos todos. Três vezes em seguida. Nunca se fez censura a esses escândalos. E é justo! Assim as pessoas têm a possibilidade de se indignar, de se horrorizar. "Que tipo de governo é esse? Generais nojentos! Assassinos!" Ficam indignados, indignados e burp! O arrotinho liberador. E observem bem, esse sistema é aceito não só pelos exploradores como pelos explorados. Vocês se lembram da passeata dos operários

da construção civil em Nova Iorque? Milhares de trabalhadores foram pras ruas armados de porretes e capacetes, prontos para dar uma lição naqueles porcos subversivos, brancos e de cor, que rodavam com cartazes "GUERRA À GUERRA" e "ABAIXO A EXPLORAÇÃO DO HOMEM PELO HOMEM!", ameaçando derrubar o Estado dos seus patrões. É uma maravilha! Os explorados que defendem os exploradores!

COMISSÁRIO ESPORTIVO: O que é isso? O Evangelho segundo Chu-En-Lai?

JORNALISTA: Me desculpe, mas a propósito da liberdade de expressão nos Estados Unidos, onde o senhor coloca o assassinato de mais ou menos cento e cinqüenta líderes do movimento negro, ocorridos nos últimos anos?

LOUCO: Mas eu estou falando de "liberdade de arrotinhos", não de "liberdade de expressão"! Há uma boa diferença, sabia? Os líderes do movimento negro estavam fora do jogo! Saíam por aí, dizendo: "Irmãos, companheiros, se quisermos realmente ver o homem novo, se quisermos realmente ter alguma esperança em uma sociedade melhor, devemos destruir este sistema pela raiz! Devemos derrubar o Estado capitalista!". Mas o que é isso? Ficou todo mundo louco? Nesses casos, é óbvio, saem dois policiais uniformizados, com os botões bem-lustrados, revólver à mostra, chegam à casa do propagandista acima citado. "Tóc, tóc." "Quem é?" "Bom-dia, me desculpe, é o senhor que anda por aí com cartazes 'ABAIXO A GUERRA', 'A EXPLORAÇÃO DO HOMEM PELO HOMEM'?" "Sim, sou eu." "Muito prazer, pum, pum." E o que está feito, está feito. E olhe que o chefe da polícia não se esconde, não fica dizendo, como alguns amigos meus, "mas eu não estava presente, foi o meu colaborador". Nada disso! Assume toda a responsabilidade! "Sim, fui eu que dei a ordem. Eles são inimigos da pátria, da nossa gente, gloriosa nação!"

BERTOZZO: Mãos pra cima... com as costas pra parede senão eu atiro!

COMISSÁRIO: O que é isso, Bertozzo? Ficou louco?!

BERTOZZO: Eu disse mãos pra cima... O senhor também, delegado... Advirto-os que não respondo mais por mim!

JORNALISTA: Oh, meu Deus!

DELEGADO: Se acalme, Bertozzo!

BERTOZZO: Fique calmo o senhor e não se preocupe. .. (*Tira da escrivaninha um molho de algemas, entrega ao agente e obriga-o a algemar todo mundo.)* Vamos, prenda um por um no cabide. *(Ao fundo se vê uma haste horizontal na parede à qual todos são presos, um por um, algema em um pulso, o outro preso à haste)* E não me olhem com essas caras. Daqui a pouco vocês vão entender que este é o único modo que me sobrou para que me escutem. *(Ao agente que está em dúvida se algema a jornalista também)* É, a senhorita também... e você também. *(E aí se dirigindo ao louco)* Agora você, meu caro Fregoli da puta que o pariu — me faça o favor de contar aos senhores quem realmente é... ou, como me esgotou a paciência, arrebento as suas gengivas com um tiro... tá claro? *(Os policiais e a jornalista ameaçam um protesto contra tanta irreverência)* Boca calada... vocês!

LOUCO: Com o maior prazer, mas temo que se conto assim, na lata, não vão acreditar.

BERTOZZO: O que, talvez prefira cantar?

LOUCO: Não, bastaria mostrar os documentos... a ficha clínico-psiquiátrica... etc.

BERTOZZO: Muito bem... e onde estão?

LOUCO: Ali, naquela bolsa.

BERTOZZO: Mexa-se, vai buscar e não faça piada que eu acabo com você.

O louco retira meia dúzia de fichas e cartões.

LOUCO: Tá tudo aqui. *(Estende os documentos ao Bertozzo.)*

BERTOZZO:(Apanha-os e distribui aos algemados. Cada um deles está com a mão esquerda livre) A vocês, senhores... E ver para crer!

DELEGADO: Nãão! Ex-professor de desenho!? Aposentado! Com inclinação para exaltação paranóica? ! Mas é um louco!

BERTOZZO: *(Suspirando)* Há uma hora que estou lhes dizendo!

COMISSÁRIO: *(Lendo em uma outra ficha)* Hospital psiquiátrico de Imola, Voghera, Varese, Gorizia, Parma... rodou todos!

LOUCO: Certo, o giro da Itália dos loucos.

JORNALISTA: Quinze eletrochoques... isolamento por vinte dias... três crises de vandalismo...

AGENTE: *(Lendo em uma folha)* Piromaníaco! Dez incêndios dolosos!

JORNALISTA: Deixa eu ver? Incendiou a biblioteca de Alexandria! Alexandria do Egito? No século II antes de Cristo!

BERTOZZO: Impossível. Passa pra cá! *(Observa)* Mas foi ele que acrescentou à mão... não está vendo? Do Egito pra frente...!

DELEGADO: Falsificador também... além de mistificador, simulador... camuflador... *(Ao louco que está sentado com a grande bolsa sobre os joelhos, ar ausente)* Mas eu te meto dentro por abuso e apropriação de cargos religiosos e civis!

LOUCO: *(Desligado)* Tsc, tsc... *(E dá sinais de reprovação.)*

BERTOZZO: Nada feito, tem carteirinha... Já sei de tudo!

JORNALISTA: Que pena, eu já estava com um artigo tão bom na cabeça! Acabou-se!

COMISSÁRIO: E eu acabo com ele... Por favor, Bertozzo, me tira a algema...

BERTOZZO: Genial! Assim se arruina de vez... Na Itália — vocês deveriam saber — os loucos são como as vacas sagradas na Índia... Se puser as mãos neles, te lincham!

DELEGADO: Esse delinqüente, louco criminoso... se fez passar por juiz... a contra-investigação... Se penso no susto que me deu!

LOUCO: Não, não foi um grande susto se comparado ao que vem agora! Olhem para isso aqui. *(Retira da bolsa a caixa que Bertozzo tinha esquecido sobre a mesa)* Contem até dez e vamos todos pro ar!

BERTOZZO: O que você está aprontando... Não se faça de tonto!

LOUCO: Eu sou louco, tonto não! Meça as palavras, Bertozzo... e joga a pistola... ou eu enfio o dedo no "Tramptur" e acabamos logo com isso!

JORNALISTA: Meu Deus! Por favor, senhor louco...!

DELEGADO: Não cai nessa, Bertozzo... a bomba está desativada... Como é que pode explodir?

COMISSÁRIO: Justamente... não cai nessa!

LOUCO: E agora, Bertozzo, você que entende disso... mesmo sendo fraco de gramática... Olha só, tem ou não tem... um detonador... olha aqui... não está vendo? E um *longber* acústico.

BERTOZZO: *(Se sente mal, deixa a pistola e as chaves das algemas caírem)* Um *longber* acústico? Mas como foi que você encontrou?

O louco recolhe as chaves e apistola.

LOUCO: Trouxe comigo *(Indica a bolsa)* Aqui dentro tem tudo! Tenho até um gravador onde está gravada toda a nossa conversa, desde que eu entrei. *(Retira o gravador e mostra)* Olhem aqui!

DELEGADO: E o que é que pretende fazer?

LOUCO: Transcrevo a fita umas cem vezes e mando pra todo mundo: partidos, jornais, ministérios, rá, rá... essa sim que vai ser uma bomba!

DELEGADO: Não, o senhor não pode fazer uma coisa dessas... Sabe muito bem que as nossas declarações foram falseadas, distorcidas pelas suas provocações de falso juiz!

LOUCO: E o que é que eu tenho com isso?! ... O importante é que estoure o escândalo... *Nolimus aut velimus!* E que também o povo italiano — como o

povo americano e o inglês — se torne social-democrata, moderno, e possa finalmente exclamar "estamos na merda até o pescoço, é verdade, mas é justamente por isso que caminhamos com a cabeça erguida!"

NOTA

Quando esta comédia foi encenada — em dezembro de 1970 —, declarava-se em um prólogo a intenção de contar um fato que realmente acontecera: o "vôo" pela janela, do décimo-quarto andar do prédio da polícia de Nova Iorque, do imigrante italiano Salsedo, anarquista. Depois de uma série de investigações e contra-investigações, perícias e superperícias, exigidas pelo movimento da opinião pública — corria o ano de 1921 —, chegou-se a estabelecer o responsável e que o anarquista não morrera acidentalmente, ou por suicídio, mas por ter sido assassinado pelos policiais durante o interrogatório.

Para justificar a atualidade e a transposição cênica dos fatos, afirmava-se também — com evidente ironia — que qualquer semelhança com eventos familiares era devida única e exclusivamente àquela indecifrável magia existente no teatro como reinvenção da realidade. Quantas e quantas vezes histórias absolutamente loucas não foram, sem nenhum pudor, imitadas pela realidade!!

Não foi uma coincidência casual a estréia da peça ter ocorrido nos dias em que se desenrolava em Milão o processo Calabresi/Lotta Continua, que deveria esclarecer sobre a morte do anarquista Pinelli que *também* caíra de uma janela do quarto andar da delegacia de Milão, durante a investigação sobre os atentados terroristas a bancos. Tal processo foi

sucessivamente adiado e depois suspenso por razões de força maior (morte não-acidental do "ator").[1]

Coletivo Teatral La Comune

(1) No texto, pode-se identificar Calabresi no personagem do "comissário esportivo"; Calabresi foi assassinado em uma praça pública de Milão, suspendendo-se o processo.